O Solutrense superior de fácies cantábrico de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras)

João Zilhão *

Resumo

A estação de Vale Almoinha foi escavada no início dos anos 50 por Manuel Heleno, antigo director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, no qual os respectivos materiais foram conservados, até hoje por publicar. Embora não tenha sido possível consultar os correspondentes cadernos de campo, o estudo dos materiais, a análise das marcações neles realizadas, a relocalização e reconhecimento do sítio, a comparação com os métodos utilizados por Heleno noutras escavações e a confrontação de todos estes dados com informações recolhidas junto dos operários da região na época contratados para as escavações permitiram avançar uma caracterização preliminar desta importante estação.

No actual estado da questão, tudo leva a crer que se trata de uma estação de camada única, correspondente a um acampamento de ar livre, provavelmente com lareiras, embalada em areias dunares würmianas. Do ponto de vista tipológico, trata-se de um Solutrense superior, equiparável aos momentos iniciais desta fase no Sudoeste francês, representados nas estações de Laugerie-Haute, Les Jean-Blancs, Pech de la Boissière e Fourneau du Diable, e caracterizados pela presença das raspadeiras solutrenses e pelo aparecimento, em muito fraca percentagem, das pontas à cran e das folhas de salgueiro.

Do ponto de vista peninsular, este Solutrense superior não pode ser considerado de fácies levantino, dada a inexistência de pontas de Parpalló e de pontas à cran com bordo abatido, e parece integrável sem grandes problemas no fácies cantábrico, com a sua predominância de folhas de loureiro de base convexa e a presença de folhas de loureiro de base côncava; no quadro definido por este fácies, por outro lado, apresenta uma tipologia semelhante à das estações do Solutrense cantábrico III de Jordá, 1955/Solutrense superior inicial

^{*} Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa

santanderino de Corchón, 1971, em particular à de La Pasiega, com a qual partilha a presença de folhas de salgueiro e a exclusividade dos subtipos simples de pontas à cran, sem retoque plano bifacial elaborado.

Résumé

Le gisement de Vale Almoinha a été fouillé au début des années 50 par Manuel Heleno, ancien directeur du Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, auquel ont été conservés, non publiés jusqu'aujourd'hui, les matériaux respectifs. Quoiqu'il n'ait pas été possible de consulter les cahiers de fouilles, l'étude des matériaux, l'analyse des marcations qui y avaient été faites, la relocalisation et reconnaissance du site, la comparation avec les méthodes utilisées par Heleno dans d'autres fouilles, et la confrontation de toutes ces données avec des informations obtenues auprès des ouvriers de la région qui avaient été engagés à l'époque pour y participer ont permis d'établir une caractérisation préliminaire de cet important gisement.

Dans l'état actuel de la question tout porte ainsi à croire qu'il s'agit d'un gisement à couche unique, correspondant à un campement de plein air, probablement avec foyers, emballée dans des sables dunaires würmiens. Au point de vue typologique, il s'agit d'un Solutréen supérieur, comparable aux moments initiaux de cette phase dans le Sud-Ouest de la France, représentés dans les gisements de Laugerie-Haute, Les Jean-Blancs, Pech de la Boissière et Fourneau du Diable, et qui se caractérisent par la présence des grattoirs solutréens et par l'apparition, en très faibles pourcentages, des pointes à cran et des

feuilles de saule.

Au point de vue péninsulaire, ce Solutréen supérieur ne peut pas être considéré comme de faciès levantin, étant donnée l'inexistence de pointes de Parpalló et de pointes à dos et cran, et semble possible d'intégrer sans problèmes dans le faciès cantabrique, avec sa prédominance de feuilles de laurier de base convexe et la présence de feuilles de laurier de base concave; dans le cadre défini par ce faciès, il présente, d'un autre côté, une typologie semblable à celle des gisements du Solutréen cantabrique III de Jordá, 1955/Solutréen supérieur initial de Santander de Corchón, 1971, en particulier à celle de La Pasiega, avec laquelle il partage la présence de feuilles de saule et le caractère exclusif des sous-types simples de pointes à cran, sans retouche bifaciale plate élaborée.

No decurso dos trabalhos de inventariação científica das colecções paleolíticas recolhidas na região de Cambelas por Manuel Heleno, antigo director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, deparámos com uma magnífica e relativamente abundante colecção de materiais solutrenses provenientes de uma estação designada como "Vale Almoinha". Esta colecção encontrava-se, até 1980, data do início da reorganização do M.N.A.E. actualmente em curso, no sector de "reservados" existente no piso superior do edifício dos Jerónimos, e havia entretanto já sido objecto de um pré-inventário, realizado aquando da sua transferência dos móveis onde se encontrava guardada para os contentores das actuais reservas do Museu. Tendo em conta a sua importância para o estudo do Paleolítico Superior português, pareceu-nos imprescindível proceder desde já à divulgação dos resultados de um pequeno estudo destes materiais que realizámos paralelamente às operações de inventariação e que constitui o objecto desta nota preliminar.

1. A estação

Não estando os cadernos de campo dos trabalhos arqueológicos realizados por M. Heleno actualmente na posse do Museu e encontrando-se, por outro lado, inacessíveis aos investigadores, como é do conhecimento geral da comunidade arqueológica portuguesa, não podiam deixar de ser tarefas das mais fundamentais do trabalho de inventariação a tentativa de relocalizar a estação, por um lado, e, por outro, o procurar descobrir quais eram as condições originais de jazida dos materiais, isto é, se se tratava de recolhas de superfície ou de produto de operações de escavação e, neste caso, qual a sua posição estratigráfica.

Uma rápida análise das fichas de pré-inventário das várias estações de Cambelas havia-nos já permitido seperá-las em dois grandes conjuntos: um, o maior, constituído por agrupamentos de reduzidas dimensões referidos unicamente a uma só designação toponímica, que nos pareceu legítimo pensar ser formado por materiais recolhidos à superfície durante operações de prospec-



Fig. 1 — Localização da estação de Vale Almoinha na Península Ibérica.

ção; o outro conjunto, muito mais pequeno, constituído por agrupamentos pelo contrário muito mais numerosos, da ordem dos milhares de peças, e referidos a designações toponímicas acompanhadas de códigos diversos que podiam ser interpretadas como significando áreas e níveis de escavação. Entre estes últimos encontrava-se a colecção de Vale Almoinha, o que nos fez pensar que, a terem-se efectivamente realizado operações de escavação, seria natural que para elas tivessem sido contratados operários na região e que, localizando-os, se poderiam através deles recolher algumas das informações necessárias ao esclarecimento daquelas questões.

Por outro lado, as referências bibliográficas existentes de que fomos tomando conhecimento, embora escassíssimas, reforçaram esta nossa conviçção. Saavedra Machado menciona o Vale Almoinha como uma das estações que foram objecto de investigações realizadas por M. Heleno (embora sem especificar se se tratou ou não de escavações) nos anos de 1950 e 1951 1. No "Diário de Notícias", de 24 de Janeiro de 1950, porém, numa nota intitulada Instituto de Arqueologia em que se resume uma intervenção de Heleno realizada durante "uma sessão de estudos do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia", fala-se em "estações solutrenses e grimaldenses de Cambelas", o que pressupõe um conhecimento do sítio de Vale Almoinha anterior a 1950; é pois provável que o toponímico "Alvar do Vale de Amunha", incluído por Saavedra Machado, no artigo já referido, no rol das localidades investigadas por Heleno em 1949, se refira à mesma estação (a sua forma ortográfica é aliás mais próxima do modo como a palavra é pronunciada na região). O próprio Heleno menciona também o "abrigo solutrense da Almoinha" numa pequena passagem do seu Um quarto de século de investigação arqueológica², que citaremos e discutiremos em pormenor mais adiante, a

¹ MACHADO, J. L. S. — Subsidios para a história do Museu Etnológico. "O Arqueólogo Português", nova série, V, 1964.

² HELENO, M. — Um quarto de século de investigação arqueológica. "O Arqueólogo Português", nova série, III, 1956, p. 228.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

qual, pelo seu conteúdo, pressupunha que a estação tivesse efectivamente sido

objecto de operações de escavação.

Baseados pois na hipótese de que um sítio objecto de trabalhos arqueológicos durante provavelmente dois ou três anos seguidos não podia deixar de ter ficado registado na memória das populações da região e, em particular, dos eventuais participantes locais nesses trabalhos, realizámos, com o apoio de Emmanuel Carvalho e Valdemar Neves, arqueólogos amadores de Torres Vedras, duas visitas a Cambelas, durante as quais pudemos recolher abundante informação sobre os trabalhos de Heleno na zona, e, nomeadamente, localizar de forma precisa a estação de Vale Almoinha.

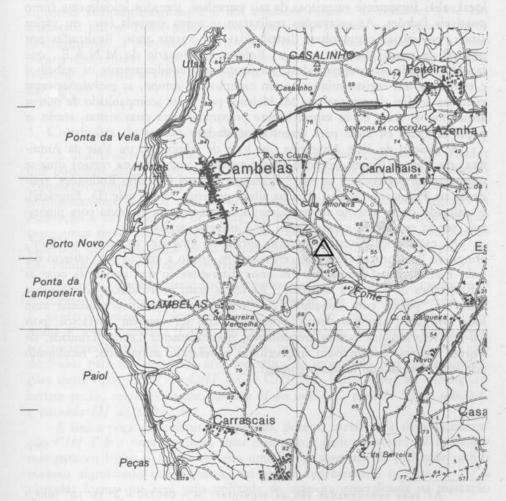


Fig. 2 — Localização da estação de Vale Almoinha na carta de Portugal 1:25 000 (folha 374)

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

A principal fonte dessas informações foi o senhor Custódio Antunes, residente na povoação de Cambelas, que participou na maior parte das escavações feitas na região e que, após a sua conclusão, viria ainda a fazer parte das equipas contratadas por Heleno para trabalhos noutros pontos do país, nomeadamente em Tróia e nos concheiros do vale do Sado. Segundo pudemos apurar, terão ainda participado nos trabalhos realizados em Cambelas os senhores José Moreira, Vicente Cordeiro, Joaquim Casaca e José Alberto, também aí residentes, o senhor José "Quitolas" (entretanto falecido), o Senhor Mário Tomás, actualmente em França, e o senhor Rodrigues, presentemente habitando na sede da freguesia (São Pedro da Cadeira).

Segundo o senhor Custódio Antunes, os trabalhos realizados na região de Cambelas terão começado nos primórdios da década de 50 com prospecções realizadas por pessoal vindo de Rio Maior, dirigido por um tal "Zé das Pederneiras"; durante esta fase não teria havido participação da população local, aliás fortemente suspeitosa de tais estranhos, tomados inicialmente como possíveis ladrões. As escavações realizaram-se numa segunda fase, em vários sítios, em várias campanhas, distribuídas por vários anos. Realizadas por pessoal da região dirigido pelo sr. Roldão, funcionário do M.N.A.E., que ficava instalado na própria aldeia, acompanhava quotidianamente os trabalhos e elaborava um registo minucioso em cadernos de campo, as escavações exam visitadas ao fim de semana por M. Heleno, por vezes acompanhado de outros arqueólogos; eram então especialmente preparadas para estas visitas, sendo as peças deixadas en place para serem fotografadas.

A estação de Vale Almoinha (ou Vale de Almoinha, ou Vale da Amuinha, ou Vale da Fonte, como o sítio é também conhecido na região) situa-se num terreno pertencente ao eng.º Francisco Manuel Carvalho Rodrigues, residente na Picanceira (Mafra). Era na altura pertença de sua mãe (D. Engrácia), e utilizado como terreno de pastagem; actualmente está plantado com pinhei-

ros, sendo conhecido como Pinhal de Cambelas de Baixo 3.

As escavações aí realizadas terão abrangido uma área de cerca de 100 m², atingindo uma profundidade de cerca de 2 m, tendo a estação sido objecto de, pelo menos, duas campanhas em anos diferentes (o que concorda com as informações de Saavedra Machado). As terras eram peneiradas, e recolhiam-se todas as "pedras com trabalho". As "sem trabalho" eram acumuladas num local próximo; algumas destas, porém, deviam ser também artefactos, pois foi-nos referido que outros arqueólogos, nomeadamente Leonel Trindade, de Torres Vedras, costumavam inspeccionar o referido amontoado, recolhendo por vezes peças que levavam consigo.

 $^{^3}$ As suas coordenadas são as seguintes: M = 090750 - 0° 16' 10'' long.//P = 275000 - 39° 04' 35" lat. / Alt. = ± 48 m.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

2. Inventário

Como já referimos, os materiais de Vale Almoinha encontravam-se no antigo sector de "reservados" existente no M.N.A.E., guardados em várias gavetas de dois armários, 02 e 012, distribuídos por várias caixas de madeira, algumas delas acompanhadas de etiquetas com indicações de origem; estas, bem como as marcações já existentes na maioria das peças, permitiram-nos definir trinta e três complexos de achados diferentes, conforme discriminado na fig. 3. A cada complexo foi atribuído um número de museu, constituído pelos três últimos algarismos do ano em que foi inscrito no respectivo livro de registo (1983), separados por um ponto do número de ordem de cada um nesse registo; cada peça individualmente considerada, recebeu por sua vez, separado por um ponto, um número dentro do complexo, determinado pela ordem de marcação e fichagem das diversas peças, operação que foi realizada complexo a complexo. Foram assim inventariadas 1500 peças, das quais 7 são amostras sedimentológicas, 1 é um artefacto ósseo e as restantes 1492 são artefactos líticos. Tendo sido possível reconstituir algumas peças líticas a partir de fragmentos já marcados e pertencentes ou ao mesmo complexo ou a complexos diferentes, o seu número, para efeitos de contagens tipológicas, reduziu-se porém a 1482, conforme se pode constatar comparando os dados das figs. 3 e 4.

3. Condições de jazida dos materiais

A análise dos diferentes tipos de designação dos complexos de achados que pudemos definir, bem como as informações obtidas junto do sr. Custódio Antunes, combinadas com a nossa própria observação do local e dos materiais, permitiram-nos elaborar uma tentativa de reconstrução do método seguido na escavação e das condições de jazida dos materiais. As deduções que a seguir exporemos terão, no entanto, obviamente, que esperar a confrontação com os cadernos de campo para serem plenamente aceites, embora nos pareçam ser tão fundamentadas quanto possível nas circunstâncias actuais.

O nosso primeiro passo foi o de tentar decifrar o código das marcações e etiquetas. Partimos para o efeito da hipótese que as expressões do tipo C número romano. T letra maiúscula podiam ser interpretadas como referindo-se a uma camada (C) de um talhão (T) (o que nos parece lógico dado ser a expressão talhão usada por Heleno, por exemplo nos concheiros do vale do Sado, para designar cada área específica de escavação). São três as marcações deste tipo: CII T.C, CIII T.C e CIII T.B. Nesta hipótese, elas significariam então, respectivamente, camada II do talhão C, camada III do talhão C e camada III do talhão B.

A única peça deste último complexo, porém, apresentava além da marcação CIII T.B a tinta-da-china, uma marcação a lápis diferente: BIII. Donde nos pareceu legítimo inferir ser esta uma forma abreviada de marcação com o mesmo significado que a outra, em que B representaria o talhão e III a camada; forma que terá sido utilizada de maneira generalizada na marcação das restantes peças provenientes da escavação.

Teríamos assim quatro talhões: S (equivalente a sonda, com o significado de sondagem?), A, B e C; podendo a distribuição estratigráfica dos complexos sintetizar-se neste quadro:

TALHÃO		may extropery	I had a desired	I I I I I
CAMADA	S	Venture of A Company	В	С
I	SI	oliken st <u>o</u> ndage		47-12-11
П	S II	A II	Salat Augus	C II T.C
III	S III	A III	B III	CIII
Little Carr		A III T	C III T.B	C III T.C

Note-se, no entanto, que, pelo que pudemos observar no local, estes talhões não deviam ser constituídos por figuras geométricas definidas e topografadas; seriam antes, mais provavelmente, zonas de limites mais ou menos fluidos, onde os sedimentos iam sendo sucessivamente atacados. Segundo o sr. Custódio Antunes, aliás, a escavação teria sido feita segundo um método que poderíamos descrever como de "frente de pedreira": penetração progressiva no interior da formação a partir de uma superfície horizontal na sua base.

Designações como Sopé, Sopé 3.ª, Base, Sopé - camada próxima do barro e Junto ao barro na parte superiorreferem-se, por seu lado, provavelmente, à base da camada arqueológica. O que concordaria aliás com a geologia da região, onde as areias plistocénicas em que estariam contidos os materiais podem assentar sobre argilas mesozóicas. Na Carta Geológica de Torres Vedras ⁴, assim, a linha de água do fundo do vale onde se encontra a estação está representada rodeada nas duas margens por uma formação designada por "As — areias superficiais (eólicas, etc.)", a que é atribuída idade plistocénica, a qual, por sua vez, assenta sobre uma formação portlandiana que é descrita como tendo "características litológicas variáveis": "grés acinzentados, amarelados e avermelhados", "argilas micáceas por vezes arenosas", "margas" e "alguns calcários margosos".

As referências sem indicação, imperceptível, junto com A III, A II e B III, A III e B III, e A III e S III correspondem a conjuntos resultantes de acontecimentos posteriores à escavação e a situações detectadas aquando da pré-inventariação, nomeadamente misturas de peças não marcadas (devidas,

⁴ ZBYSZEWSKI, G.; ALMEIDA, F. Moitinho de; ASSUNÇÃO, C. Torre de — Carta Geológica de Portugal: notícia explicativa da folha 30-C. Lisboa, 1955.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

Designação do complexo de achados	Número de museu	Quantidade de artefactos líticos	Quantidade de artefactos ósseos	Quantidade de amostras
AII	983.301	62 *		
A III	983.302	607 * **		5
A III T	983.303	4		
Junto c/ A III, A II e B III	983.304	34	4 188 6	
A III e S III	983.305	36		
A III e B III	983.306	25		
B III	983.307	178 **		-
C II T.C	983.308	2		1
C III T.C	983.309	38		-
CIII	983.310	2 **		
S	983.311	7	_	-
SI	983.312	28	1	
S II	983.313	11		-
SIII	983.314	58		1
Sopé	983.315	2	-	
Sopé, lado do rio	983.316	1		
Sopé, camada próxima do barro	983.317	13		
Sopé 3.ª	983.318	2	-	
Base	983.319	1		-
Sonda	983.320	1	-	
T.Y. 10	983.321	2		
2 m	983.322	1	-	
s/ indicação	983.323	1	-	-
imperceptivel	983.324	4		-
abrigo solutrense	983.325		-	1
s/ indicação (numa caixa c/ peças				
de A III, B III, C III, S III)	983.326	24		
s/ indicação (numa caixa		E-2 (4) 11 11		
c/ 1 peça de Sopé)	983.327	.1		Water Control
Vale Almoinha II	983.328	10		TE ME
Junto ao barro, na parte superior	983.329	14		
Vale Almoinha, abrigo	983.330	90		1 7 6 1
Vale Almoinha	983.331	226 *	A STATE OF THE PARTY OF THE PAR	-
C III T.B	983.332	1		- The Parks
	983.955	5		5 To 1 2 1
TOTAL		1492	1	7

^{*} Inclui fragmentos de peças a que pertencem igualmente fragmentos de outros complexos, nestes incluídas para efeitos de contagens tipológicas.

** Contém vários fragmentos das mesmas peças, marcadas com números diferentes, mas consideradas como uma só para efeitos de contagens tipológicas.

Fig. 3 — Inventário geral dos materiais referidos à estação de Vale Almoinha conservados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

	983 301	983,	983. 303	983. 304	983. 305	983. 306	983. 307	983. 308	983, 309	983. 310	983. 311	983. 312	983. 313	983. 314
7 A 42 SA	1000	200	200	381	307	200	1000	200	444	310	311	214	213	2/14
1 — Raspadeira simples 2 — Raspadeira atípica	2		-	1	-	2	1	-	-	-	-	1	-	1
3 — Raspadeira dupla	- 18			1		-	-			-		15		
4 — Raspadeira ogival		1		I		1	-							E
5 — Raspadeira sobre peça retocada	5			3	-	2	1	-		-	_	-	1	
5a — Microrraspadeira grimaldense	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15-	-	-
6bis — Raspadeira solutrense	1	-			_	2	- 11	_			-	14		1
8 — Raspadeira sobre lasca	1	4	-	4		3	1		1	775	-		_	3
10 — Raspadeira unguiforme	-	1	-	1			18			-	1	=		
13 — Raspadeira afocinhada espessa	-	-		-	-	1-	1	=	-	-		-	-	1975
14 — Raspadeira achatada de ombreira	-	1	-		1	-		=	=	-		-	=	
15 — Raspadeira nucleiforme		3	-	_	_	-	_	_	-	-	-	-		1
16 — Rabot	-		-	=	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
17 — Raspadeira-buril	-	3		-	-	-	-	-	4	4	-		-	-
23 — Perfurador	-	1	-	-	-	-	-	-	-		-	-	-	-
24 — Perfurador atípico		3	-	1	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
27 — Buril diedro direito	-	1	-	-	4	_	4		1	100		1		1
28 — Buril diedro desviado		- 1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		-
29 — Buril diedro de ângulo		1	-	-	-	-	-		-	-	-	-	-	-
30 — Buril de ângulo sobre fractura	1	6		-	=	-	1	=	-	770	1		-777	200
44 — Buril plano		2	-	-	-		7	-	-	7	1-1	35	1	-
57 — Lâmina à cran	-	-	_	-	-	-	2	4	-	4	-	1		
65 — Lâmina com retoque continuo num bordo	-	-	-	1	-	-	2	-	224	-	-	1	422	1
66 — Lâmina com retoque continuo nos dois bordos	-	3	-	1	2:	-	-	-	-	-	-	-	-	-
69 — Ponta de face plana 70 — Folha de loureiro	7	2	-	-	-	-	1	77	1	-	-	-	-	-
70 — Poina de loureiro	1	72	-	-		3-3	7	1	2	1		-	-	F
71 — Folha de salgueiro	1	-	-	_		_	-1		-	-	-	-	4	-
72 — Ponta à cran	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
73 — Pico	1500	-	-	-	-	-	1000	-	777	-	3-3	-	-	-
74 — Entalhe	1	6	100	5	2	1	-	-	=	=	-	-	4	-
75 — Denticulado	No.	4	77	1	The second	-	1	-	-	-	-		-	-
76 — Peça esquillée	-	3	_	1	4	-	-	===	-	_			100	
77 — Raspador	3	10	-	5	-	1	5	-	2			-	_	
78 — Raclette	西盖	-	-		-			-	-	-		-	-	-
85 — Lamela de bordo abatido	-			-	-	-	-	-	-	-			-	3
92 — Diversos	3	16	1	3	2	1	5		1		1	3		-
Total de utensilios	17	151	1	26	6	15	29	1	9	1	1	6	i	6
MANAGEMENT OF THE PARTY OF THE														
Lâminas	3	28	-	_	11	5	8	-	2	-	4	7	4	26
Lamelas	=	17	-	1	3	-	7	-	1	-	-	-	-	8
Lascas	23	175	-	4	5	.1	61	-	13	-	-	11	6	13
Esquirolas	4	19	-	=	-		14		1000	-	100	-33	-	1
Lascas solutrenses	11	158		1	9	2	39	I.	10	=	2	3	-	2
Lascas de folhas de loureiro	-	9		1	-	-	2	_	-	-	-		242	-
Lâminas e lamelas de crista	1	2	=		1	-	-	-	1		-		22	1
Residuos de golpe de buril	-	8	-	1	1	-	2			-	-	1	-	2
Núcleos	2	37	3	-	-	2	10	-	3	-	-	-		
		-3	-	-		-	-	-	-	-	-	-	-	-
	-													
Percutores TOTAL GERAL	61	607	4	34	36	25	172	2	38	1.	7	28	11	58

Fig. 4 — Inventário específico da indústria lítica por tipos e complexos (Lista-tipo D. de Sonneville-Bordes — J. Perrot).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

	983. 316																983. 332	983. 955	TOTAL.	
1 1 1	-	2	-	1.3	1		=	TI	10		1	1	1218	THE STREET		5	TEST .	A	19 7	
100	2 3	1	1 3	3.3	1	134	1		1	1.1	THE STATE OF	N. N.	1.1		1	- 2	N. H.	1.1	4	
BE	SE	188	183	200	=	-	層				-	-	-			1	E	T.	1	
-	1 1	1 2	3 3	-	-	-	1	11	1 1	1	-	-	_		-	<u>-</u>	1	-	5 26	
11	FEE	1 1		11	-	H	=	111	111	II	-	1 1 1	1 1 1		111	-	100	1	1 1 2	
							7		-						1				4	
-		-	-	1 1	-	=	H	-		500		FE				1	SALINE	TO	3	
5		-	100	E I	B		1	-	3	0	1	181	100	-		1		8	5	
181	1.1	1.10	363	1	-	1	1	1	11	=	-		1 1	11	1	=	1	1	3 2	
111	111	-	1 1	-	1	111	1	111	111		-	111	-	1 1 1	1	1	11 1	111	9 2	
-	_	1	_				-			_		11	-	1	-		-	4	1	
-	=	-	E E	18 18	-	1		10	1.10	10	- 1		13 3		-	2	EH ST	1000	17 8 7	
	1	1		-	1	1	1		1	2	2		-		-	4	15		96	
=		AL IE	THE .	-	FE	-	-	1	-	I		11 11	3 1	=	1	1	-	-	2 2	
	1 3 3	1	1	-		1	1	1	1	111	1	-		111		2	1	111	1 18 10	
1			_	=		_	_	-				_	-		1	1	To the second		6	
	T. IS	1	1	7	1	1 1	-	1	1	1	-	-	1	-	1	1 1	1	1	32 1 1	
1	-	1	=	-	-	-	-	=	1	1	ī	-		1	1	7	-	1	49	
2	1	11	1	1	1	2	1	1	3	-	9	1	3	. 1	8	58	1	-	375	
-		1	_				-	-			8		1	1	18	45				
=	H	1	1	- T	1	100	T	4	1	-	3	1	1	10	11 32	16 77		- 3	172 67 439	
-	-					F		ij	1	1	-	1	3		14	14	5 1		38 269	
-	-	-	THE	-	1	-	T	1	-	T.	ī	+	1	11	+10	2 2	4	1	15 8	
-	111	1 1 1	1	-	1 1 1		111	111	1 1 1	I	1	1 1 1	1 -	2	5	2 9 —	-	2	19 77 3	
-	ī	13			1		1	1	4		24	1	10	14	90	225	1	5		
-		13	-	- 1		-					1			-17	70	A.A.J			1,104	111 55

em particular, ao estado de degradação das gavetas dos armários que as continham, cujos fundos, por vezes partidos por apodrecimento, possibilitavam a acumulação, nas gavetas inferiores, de materiais vindos das superiores).

Ficariam por explicar algumas outras referências, para as quais a título de hipóteses com fundamentos menos sólidos que as apresentadas anteriormente

podemos avançar as seguintes interpretações possíveis:

Vale Almoinha, abrigo — material proveniente das escavações, mas cuja referência se perdeu entretanto; a favor desta hipótese está o facto de aqui existirem peças que foram remontadas com outras marcadas A III — é o caso da peça 983.330.41, que é uma lasca de talhe do esboço de folha de loureiro 983.302.118/123 (fig. 29).

Vale Almoinha — pode ser aqui vâlida também a hipótese anterior, por razões idênticas — a peça 983.331.145 é o fragmento distal da folha de loureiro cujo fragmento proximal é a peça 983.302.37, de A III (fig. 32, n.º 1); e a peça 983.331.73 é também uma lasca de talhe do esboço de folha de loureiro 983.302.118/123; é igualmente possível, porém, que estes materiais sejam provenientes de recolhas de superfície, anteriores à escavação, como parece ser indicado pela presença de peças bastante patinadas por eolização; ou ainda, mais provavelmente, que se trate de uma mistura de materiais com as duas origens.

S — material proveniente da sondagem, cuja referência estratigráfica se

perdeu?

I e Vale Almoinha II — material proveniente das camadas I e II, respectivamente, da escavação, sem referência de talhão talvez por, na altura, existir apenas um, o primeiro a ser aberto, e ser por isso desnecessária essa referência? Nesse caso, e sendo esse talhão S, tratar-se-á de marcações equivalentes a S I e S II?

T.V. 10 e 2m - não nos foi possível integrar estas referências no es-

quema interpretativo acima delineado.

Reconstituída esta sequência, põe-se o problema de saber até que ponto a divisão em três camadas realizada pelos escavadores é válida, tanto do ponto de vista sedimentológico como do ponto de vista arqueológico. Como é evidente, só a realização de uma sondagem nas zonas preservadas da estação (se elas existirem), operação que projectamos aliás para o corrente ano de 1984, poderá resolver com segurança este problema; o estudo dos materiais, bem como a observação local da jazida, porém, permitem-nos desde já tecer algumas considerações a este respeito.

Em primeiro lugar, o facto de se tratar de uma estação de ar livre (e não de um abrigo karstico, como a expressão "abrigo solutrense" utilizada por Heleno poderia fazer crer), embalada em areias dunares, faz imediatamente lembrar o exemplo, já conhecido, na mesma região, da estação aurignacense do Rossio do Cabo, publicada por Leonel Trindade e Jean Roche ⁵— isto é,

⁵ TRINDADE, L.; ROCHE, J. — La station préhistorique de Rossio do Cabo (Santa Cruz, Estremadura). "Boletim da Sociedade Geológica de Portugal", IX, 1951, pp. 219-228.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

um só nível arqueológico, correspondente a um acampamento, a um habitat

de curta duração temporal, ocupado e logo abandonado.

As já mencionadas observações de Heleno a respeito de Vale Almoinha reforçam esta ideia. Após referir a descoberta de pontas à cran no Baío como antecedente para as suas pesquisas na região, afirma que "nele (o abrigo solutrense da Almoinha) encontrámos estratigrafia, os limites e formas da cabana, solutrense e languedocense e até uma grande laje, junto de um lar, que servia de assento aos homens de há 30 000 anos"; e, concluindo, testemunha ainda que "não foi sem emoção que nos sentámos e vivemos esses tempos!" 6

A ser assim, esta sequência de camadas seria puramente artificial, tendo a afirmação de Heleno de ter sido encontrada "estratigrafia" não o significado de haver sido possível delimitar unidades diferentes no seio da série sedimentar, mas, mais prosaicamente, o de os materiais terem sido encontrados in

situ, significado aliás corrente na arqueologia portuguesa da época.

Note-se ainda que, descontando aos 1493 artefactos inventariados os que estão incluídos em complexos não provenientes seguramente de operações de escavação ou onde há mistura de camadas diferentes (983.304, 983.321, 983.322, 983.323, 983.324, 983.330 e 983.331), isto é, de um total de 1135

artefactos, 980 (86%) provêm das camadas III dos diversos talhões.

Com base nestes números, a presença de peças a profundidades diferentes (fenómeno expressado pela possibilidade de as separar em três camadas artificiais pois, caso estivessem todas à mesma cota, tal separação seria impossível e as peças apareceriam todas referidas a uma só camada) parece-nos assim passível de ser explicada da seguinte forma: as camadas III dos vários talhões corresponderiam aproximadamente ao horizonte topográfico da ocupação humana solutrense, os 14% de artefactos encontrados nos horizontes superiores (I e II) e inferiores (sopé, base, etc.) tendo sofrido uma alteração pós-deposição mais significativa, deslocando-se verticalmente no seio das areias, por razões específicas que não estamos em condições de determinar, mas que, do ponto de vista geológico, são perfeitamente naturais e até inevitáveis neste género de formações.

Numa outra estação da região, cujo inventário está actualmente em curso, Vale da Mata, situada a pouco menos de 2 km de distância e em formação geológica idêntica, pudemos aliás verificar exactamente o mesmo fenómeno, e encontrar-lhe até uma explicação que não se aplica porém ao caso do Vale Almoinha. Trata-se de uma estação onde M. Heleno pensava ter identificado "madalenense e pós-madalenense (...), espécie de azilense sem arpões e osso" 7 ou um "madalenense avançado" 8, mas que é antes, com toda a probabilidade, um Mesolítico neolitizado, com cerâmica impressa idêntica à dos níveis superiores dos concheiros de Muge e do vale do Sado, e com uma indústria lítica de tradição epipaleolítica, com lamelas de bordo abatido e

⁶ HELENO, M. — op. cit. (v. nota 2).

⁷ ID. — ibid., p. 228.

⁸ ID. — ibid., p. 237.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

alguns geométricos, e grande percentagem de talhe pigmeu ⁹. Aqui, os movimentos de pós-deposição são evidenciados por uma triagem em profundidade dos materiais segundo as suas dimensões, os utensílios macrolíticos e os grandes fragmentos de cerâmica aparecendo quase exclusivamente nos horizontes superiores dos vários talhões e os micrólitos, bem como os mais pequenos fragmentos cerâmicos, concentrando-se em grande proporção nos inferiores.

A favor da hipótese de o conjunto dos materiais poder ser referido a um único horizonte de ocupação milita ainda o facto de se tratar de uma colecção muito homogénea em termos técnicos e tipológicos. Conforme se pode constatar pela consulta da fig. 4, nada existe nos materiais referidos a outras camadas que não a III que contradiga a caracterização cultural que atribuímos ao conjunto na sua totalidade; antes pelo contrário, eles contribuem para a sua confirmação. A comparação entre os três gráficos cumulativos que elaborámos, referentes aos materiais de A III, aos da soma de todos os complexos pertencentes às camadas III dos diversos talhões e ao total da colecção (fig. 8) é aliás elucidativa. As pequenas diferenças existentes, explicadas pelas diferentes percentagens das folhas de loureiro em cada um destes três agrupamentos, têm, em nossa opinião, razões de natureza paletnológica, e não estratigráfica, que exporemos mais adiante.

Acresce ainda, por outro lado, que nos foi possível realizar colagens entre artefactos de complexos diferentes que apontam igualmente para a existência de laços comuns entre eles, tanto no sentido horizontal como no sentido vertical. Assim, a peça 983.307.15, de B III, é o fragmento proximal de uma folha de loureiro cujo fragmento distal é a peça 983.302.216, de A III; do mesmo modo, a peça 983.301.13, de A II, é o fragmento proximal de uma folha de loureiro cujo fragmento distal é a peça 983.302.85, de A III. O estudo mais aprofundado da colecção permitirá eventualmente encontrar outros exemplos do género e, sobretudo, realizar seguramente remontagens entre lascas solutrenses e folhas de loureiro ou seus esboços [idênticos] às que foram já mencionadas mais acima; de qualquer forma, os argumentos que acabamos de avançar parecem-nos ser já por si suficientes para que nos inclinemos decididamente a favor da hipótese que vimos discutindo.

4. Caracterização paletnológica da estação

Referimos já que M. Heleno reivindicava a descoberta, em Vale Almoinha, de importantes estruturas de *habitat*, a saber, uma "cabana" bem delimitada, e uma "grande lage", junto a um "lar", que teria servido de "assento aos homens de há 30 000 anos". Não possuímos quaisquer elementos, fotográficos ou outros (levantamentos topográficos, por exemplo), que permitam fundamentar tal asserção, nem tão-pouco podemos especular sobre a sua even-

⁹ M. Heleno terá talvez sido induzido em erro pela relativa abundância de lamelas denticuladas de bordo abatido, características de algum Magdalenense francês, mas que aqui, e com dimensões extremamente diminutas, geralmente inferiores a 1 cm, se encontram num contexto totalmente diverso.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

tual existência entre a documentação de campo actualmente inacessível à inves-

tigação.

É porém muito plausível que pelo menos uma fogueira (o "lar" a que se referia Heleno) tivesse efectivamente sido encontrada durante a escavação, uma vez que três das cinco amostras inventariadas em A III são constituídas por grandes blocos de areias concrecionadas e fortemente enegrecidas, contendo ainda carvões visíveis a olho nu, o mesmo acontecendo com a amostra de S III, e que poderão eventualmente servir de matéria-prima para futuras datações absolutas pelo método do 14 C; outra amostra de A III é um pequeno calhau de calcário que aparenta ter sido submetido à acção do fogo. Sinais de aquecimento do sílex previamente ao talhe são igualmente visíveis em vários artefactos, incluindo folhas de loureiro.

Repare-se por outro lado que, descontando aos 980 artefactos que vimos já provirem seguramente das várias camadas III aqueles que estão incluídos em complexos onde há mistura de talhões (983.305, 983.306 e 983.326), de um total de 895 portanto, 613 (68%) provêm do talhão A. Como acabámos de ver, é também aqui que se encontram as grandes amostras de areias carbonizadas. É pois provável que A III represente uma zona de concentração mais intensiva das actividades humanas dentro da área global da estação, eventual-

mente a "cabana" a que se referia Heleno 10.

Somos de opinião que o grosso dessas actividades terá consistido na fabricação de folhas de loureiro. Com efeito, enquanto em A III se encontram 41% do total das peças da estação (607 em 1482), e uma proporção idêntica de utensílios (40%, 151 em 375), já a proporção das folhas de loureiro e das lascas solutrenses (suas lascas de talhe) é completamente diferente: aquelas são 72 em 96 (das quais 5 dos 7 esboços — v. fig. 6), isto é, 75%, e estas últimas 158 em 269, isto é, 59%. Assim se explicaria o facto de em A III as folhas de loureiro constituírem cerca de 48% dos utensílios (72 em 151), e de as lascas solutrenses serem 38% (158 em 416) dos resíduos de talhe, enquanto no total da coleção, essas percentagens descem para, respectivamente, cerca de 25,6% (96 em 375) e 26,2% (269 em 1027) (v. fig. 5).

Esta descida nas percentagens das folhas de loureiro é concomitante com a subida nas percentagens das raspadeiras, que passam de 18 (11,92%) em A III, para 93 (24,81%) no total da indústria. Por outro lado, sendo o índice de transformação de peças em utensílios idênticos em toda a estação, as variações na proporção de utensílios poderão indicar fabricação ou utilização preferencial de tipos diferentes nas duas zonas — folhas de loureiro em A III, raspadeiras no resto da estação — causada por uma organização espacial do habitat em que cada trabalho específico seria talvez levado a cabo numa área específica, mas em que a actividade principal, a realizada em A III (que já

¹⁰ É evidente que estes cálculos, bem como os seguintes, se baseiam na hipótese de que os diversos talhões, como seria lógico, eram aproximadamente do mesmo tamanho. O raciocínio ficaria inavalidado se se viesse a verificar que o talhão A era muito maior que os restantes, o que seria suficiente para explicar que aí se concentrasse a maioria dos achados.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

SOUTH BETTER THE TOTAL PROPERTY.	A	III		Ш	Pa Lin		TOTA	AL.	24-18
	N	%	% ac	N	%	% ac	N	%	% ac
1 — Raspadeira simples	3	1,99	1,99	8	3,51	3,51	19	5,07	5,07
2 — Raspadeira atípica	-	-	1,99	1	0,44	3,95		1,87	
3 — Raspadeira dupla	-	-	1,99	1	0,44	4,39		0,53	7,47
4 — Raspadeira ogival	1	0,66		2	0,88	5,27		1,07	8,54
5 — Raspadeira sobre peça					-				0,5
retocada	5	3,31	5,96	8	-	8,78	21	5,60	14,14
5a — Microrraspadeira									
grimaldense	-		5,96	-	-	8,78	1	0,27	14,41
6 bis — Raspadeira solutrense	=	-	5,96	4	1,75	10,53	5	1,33	15,74
8 — Raspadeira sobre lasca	4	2,65	8,61	12	5,26	15,79	26	6,93	22,67
10 — Raspadeira unguiforme	1	0,66	9,27	1	0,44	16,23	1	0,27	
13 — Raspadeira afocinhada									
espessa			9,27	1	0,44	16,67	1	0.27	22 21
14 — Raspadeira achatada			7,447	-	0,77	10,07		0,27	23,21
de ombreira	1	0,66	9,93	1	0,44	17,11	2	0,53	23,74
15 — Raspadeira nucleiforme	3		11,92	3	1,32	18,43	4	1,07	
		4166	11,72		1,52	10,73		1,07	24,81
16 — Rabot	-	-	11,92	2	0,88	19,31	3	0,80	25,61
17 — Raspadeira-buril	3	1,99	13,91	3	1,32	20,63	3	0,80	26,41
23 — Perfurador			13,91	100	-	20,63	2	0,53	26,94
24 — Perfurador atípico	3	1.99	15,90	4	1,75	22,38	5	1,33	28,27
27 — Buril diedro direito	1		16,56	2	0,88	23,26	3	0,80	29,07
28 — Buril diedro desviado	4	0.66	17,22		0.44	22.70		0.53	20.40
29 — Buril diedro de ângulo	-			1	0,44	23,70	2	0,53	29,60
30 — Buril de ângulo sobre	1	0,00	17,88	The second	0,44	24,14	2	0,53	30,13
fractura		3.07	24 05	-	20020	20.00			
iractura	6	3,9/	21,85	7	3,07	27,21	9	2,40	32,53
44 — Buril plano	2	1,32	23,17	2	0,88	28,09	2	0,53	33,06
57 — Lâmina à cran	-	-	23,17	-	-	28,09	1	0,27	33,33
65 — Lâmina com retoque									-
contínuo num bordo	-		23,17	5	2,19	30,28	17	4,53	37,86
66 — Lâmina com retoque contínuo nos dois									303
bordos	~		W- 32		1200	223173			
	3		25,16	5	2,19	32,47	8	2,13	39,99
69 — Ponta de face plana	2		26,48	5	2,19	34,66	7	1,87	41,86
70 — Folha de loureiro	72	47,68	74,16	84	36,84	71,50	96	25,60	67,46
71 — Folha de salgueiro	-		74,16	1	0,44	71,94	2	0,53	67,99
72 — Ponta à cran		-	74,16	-	-	71,94	2	0,53	68,52
73 — Pico	1	700	74,16	-	_	71,94	1	0,27	68,79
74 — Entalhe	6	3,97	78,13	9	3,95	75,89	18	4,80	73,59
75 — Denticulado	4		80,78	6	2,63	78,52	10	2,67	76,26
76 — Peça esquillée	3	1 99	82,77	3	1,32	79,84	6	1,60	77.96
77 — Raspador	10	1,800,000	89,39	19					77,86
78 — Raclette	10	0,02	89,39	17	8,33	88,17	32	8,53	86,39
85 — Lamela de bordo	W. B.		07,37		0 -	88,17	1	0,27	86,66
abatido	-	-	89,39	-	-	88,17	1	0,27	86,93

	A	Ш		Ш			TOTA	L	
	N	%	% ac	N	%	% ac	N	%	% ac
92 — Diversos	16	10,60	99,99	27	11,84	100,01	49	13,07	100,00
a) Seixos talhados b) Lâminas com retoque	3	1,99		6	2,63		9	2,40	
plano c) Lâminas com retoque	1	0,66		2	0,88		4	1,07	
parcial	1	0,66		1	0,44		2	0,53	
d) Lasca com retoque plano	1	0,66		2	0,88		2	0,53	
e) Lasca com retoque parcial				1	0,44		7	1,87	
f) Lasca utilizada	4	2,65		5	2,19		8	2,13	
g) Fragmento de peça	6	3,97		10	4,38		17	4,53	
TOTAL	151	99,99		228	100,01		375	100,00	
Percutores	3	il and		3			3	0.75	
Núcleos	37			55			77		
Brutos de talhe	416		14.70	680			1027		141 -
TOTAL GERAL	607			966			1482		
ÍNDICE DE TRANSFORMAÇÃO	24,8	38		23,60			25,30	0	

Fig. 5 — Contagens tipológicas (Lista-tipo D. de Sonneville-Bordes — J. Perrot).

pudemos definir como possível área de concentração mais intensiva do habitat), teria sido o talhe de folhas de loureiro.

O facto de não terem sido recolhidos quaisquer restos ósseos, sem que tal possa ser atribuído a uma triagem de escavadores eventualmente apenas interessados nos artefactos (o sr. Custódio Antunes confirmou-nos não terem sido encontrados quaisquer ossos durante as escavações) 11, não nos permite tecer quaisquer considerações de natureza económica que completassem ou corrigissem a definição paletnológica que, com os dados que possuímos, nos

¹¹ No entanto, apesar da acidez dos terrenos, que poderá explicar esta ausência, alguma matéria orgânica não foi destruída. É o caso dos carvões, o que é explicável por ser sob a forma carbonizada que ela melhor se conserva (cf. PERLES, C. — La Préhistoire du Feu, Masson, Paris, 1976, p. 11). É também é o caso da peça 983.312.1, um punção em osso, conservado talvez pelo trabalho de polimento que contém contribuir para uma maior resistência; é porém igualmente admissível considerar que se poderá tratar, neste último caso, de uma peça estranha ao conjunto e de idade posterior, casualmente depositada no mesmo sítio (note-se que pertence ao complexo S I, portanto à parte superior do horizonte arqueológico). É, com efeito, é de assinalar, neste aspecto, que na já referida estação de Vale da Mata, de datação, como já vimos, muito mais recente, a acidez do terreno não se mostrou suficiente para, no espaço de tempo entretanto decorrido, ter causado o desaparecimento das conchas, que aí se encontravam em abundância, embora não fossem guardadas pelos escavadores (segundo informação do senhor Custódio Antunes) e, por isso, não estarem representadas no espólio conservado nas reservas do M.N.A.E.

parece assim legítimo atribuir a esta estação: a de se tratar de uma oficina de talhe de folhas de loureiro, situada talvez no interior de uma cabana com fogueiras e evidenciando uma certa organização espacial do trabalho e do habitat.

Pendente, ficará a questão de determinar quais as fases do talhe que nela se terão processado, o que só o estudo definitivo da indústria, incluindo o seu aspecto técnico, que ainda não pudemos concluir, poderá esclarecer. Intuitiva e empiricamente, porém, parece-nos possível afirmar que uma primeira fase poderá ter sido levada a cabo nas próprias jazidas de matéria-prima (cuja localização, e, em ligação com ela, a classificação pormenorizada dos diferentes tipos de rochas siliciosas utilizadas, constitui igualmente linha de investigação futura), sendo os esboços obtidos transportados até ao acampamento onde, por vezes com a ajuda de um tratamento térmico, eram talhados até à obtenção de folhas de loureiro bem definidas (fase que é atestada pela existência de várias peças que classificámos como *inacabadas* e que foram incluídas, para efeitos de cálculo das percentagens dos vários subtipos de folhas de loureiro, entre as de subtipo não determinável).

5. Estudo tipológico

Tendo ficado claro, em nossa opinião, que as diferenças entre os conjuntos A III, III e total devem ser motivadas pela organização espacial do *habitat*, a análise tipológica da indústria lítica será realizada em referência à globalidade dos materiais. Embora tendo conhecimento da nova lista-tipo para o Paleolítico Superior publicada por F. Bordes em 1978 ¹², contendo 105 tipos, pareceu-nos no entanto preferível utilizar aqui a antiga lista de 92 tipos desenvolvida por D. de Sonneville-Bordes e J. Perrot ¹³, por forma a ser possível estabelecer comparações entre os gráficos cumulativos obtidos e os das estações clássicas estudadas com esta última ¹⁴.

5.1. Raspadeiras

Constituem quase 25% da utensilagem, sendo na sua esmagadora maioria constituídas por tipos simples sobre lâmina ou lasca, retocada ou não (n.ºs 1, 2, 5 e 8 da lista-tipo), aqui se concentrando assim 78% das peças deste grupo.

BORDES, F. — Le Proto-magdalénien de Laugerie-Haute Est (fouilles F. Bordes). "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 75, 11-12, 1978, pp. 501-521.

¹³ SONNEVILLE-BORDES, D. de; PERROT, J. — Lexique typologique du Paléolithique Supérieur. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 51, 1954, pp. 327-335; 52, 1955, pp. 76-79; 53, 1956, pp. 408-412 e 547-559.

¹⁴ Os termos cujo equivalente na nossa língua se encontra já consagrado na literatura científica foram traduzidos para o português. Em relação aos restantes (caso das expressões à cran ou dos termos raclette ou pièce esquillée, por exemplo) mantivemos o termo francês, atitude que nos pareceu preferível à introdução de designações que poderiam ser controversas ou não unanimemente aceitáveis, situação que, por outro lado, evidencia o carácter imprescindível da elaboração, com a participação e o acordo de todos os especialistas portugueses na matéria, de um vocabulário técnico e tipológico nacional para o estudo das indústrias da pedra lascada.

Merecedor de menção particular é a presença de um tipo especial, que incluímos, para efeitos de contagem, no n.º 8, mas dotado sem dúvida de uma personalidade própria; trata-se de duas peças (983.304.2 — fig. 21, n.º 1 — e 983.304.21) sobre lasca, cujo talão, espesso e em oposição a um bordo distal extremamente fino, foi utilizado para a fabricação de frentes de raspadeira. O índice de raspadeiras aurignacenses é baixo (0,8%), mesmo a nível restrito (cerca de 3%), sendo de salientar no entanto uma magnífica peça afocinhada (983.307.27 — fig. 21, n.º 4).

Uma das raspadeiras ogivais (983.302.20) é uma peça algo atípica, construída no bordo direito do fragmento proximal de uma lasca, a frente de raspadeira afectando a zona de fractura; uma outra (983.324.2 — fig. 20, n.º 2) apresenta uma espécie de pedúnculo, fracturado, definido por retoque abrupto no bordo direito, e por retoque plano invasor e oblíquo marginal no

bordo esquerdo.

Uma só peça (983.331.7 — fig. 20, n.º 3) pôde ser comparada ao tipo especial que Smith ¹⁵ designa como "microrraspadeira grimaldense": trata-se de uma pequena raspadeira sobre lasca em cujo bordo esquerdo (distal e mesialmente) e direito (distalmente) se nota um delicado retoque marginal abrupto. A única raspadeira unguiforme (983.302.609) é uma peça pouco típica, construída na face de lascagem de uma pequena lasca de forma aproximadamente quadrada, com os bordos retocados e o bolbo eliminado. As raspadeiras nucleiformes, embora representadas (1,07%), estão longe de atingir as percentagens por vezes verificadas nas estações cantábricas ¹⁶.

O tipo "raspadeira solutrense" — 6 bis de Smith ¹⁷ — está representado por cinco peças, todas elas fabricadas porém sobre lascas (num caso laminar) e não sobre lâmina. No número 983.314.2, de anverso parcialmente cortical, encontra-se, em esboço, o característico retoque plano em bandas paralelas. O número 983.306.6 (fig. 19, n.º 5), por seu lado, apresenta um retoque marginal abrupto, directo nos bordos e inverso no talão, desenhando um estreitamento proximal, eventualmente interpretável como peduncular, provavelmente destinado a encabamento. Intenção que resulta bastante evidente na peça 983.307.22 (fig. 19, n.º 4) onde um verdadeiro espigão foi manufacturado na extremidade proximal da peça, em oposição à frente de raspadeira.

As frentes muito baixas e finas, em ângulo marcadamente agudo, que Smith considera "consequência do retoque plano solutrense" 18, embora presentes nas raspadeiras solutrenses (v. 983.306.6, por exemplo), existem igualmente, porém, nos tipos simples, sobre lâmina ou lasca (por exemplo no nú-

mero 983.301.8, classificado sob o n.º 1 da lista-tipo).

¹⁵ SMITH, P. – Le Solutréen en France, Delmas, Bordeaux, 1966, p. 48.

¹⁶ Por exemplo Altamira, escavações Obermaier (1924-25), 10,24%; in ALTUNA, Jesus; STRAUSS, Lawrence G. — The Solutrean of Altamira: the artifactual and faunal evidence. "Zephyrus", XXVI-XXVII, pp. 175-182, Salamanca, 1976.

¹⁷ SMITH — op. cit. (v. nota 15).

¹⁸ ID. — *ibid.*, p. 68.

5.2. Utensílios compósitos e perfuradores

Os únicos utensílios compósitos desta indústria são três raspadeiras-buris. A peça 983.302.107 (fig. 22, n.º 4) encontra-se fracturada, o que dificulta a sua interpretação, mas seria provavelmente uma raspadeira oposta a um buril diedro direito. As peças 983.302.326 (fig. 21, n.º 6) e 983.302.611 são buris

sobre fractura proximal de raspadeiras em extremo de lâmina.

Os perfuradores são em percentagem reduzida (índice de perfurador = = 0,53%), e maioritariamente atípicos (5 em 7), seja pela sua espessura (983.302.355 - fig. 22, n.º 2), seja pela ausência de retoque num dos bordos da ponta (983.302.534), seja por esta estar apenas incipientemente destacada. A peça 983 331 218 (fig. 22, n.º 1), apesar da relativa espessura da ponta, é um belo exemplar e o mais típico de toda a colecção.

5.3. Buris

O aspecto mais significativo do grupo dos buris de Vale Almoinha é a inexistência de tipos sobre truncatura; à excepção de dois buris planos, todos os outros pertencem assim ao subgrupo dos buris diedros (índice de buril diedro restrito = 88,89%), 56,25% dos quais (9 em 16) são buris de ângulo sobre fractura.

De assinalar ainda é a frequente utilização de fragmentos de peças solutrense para a fabricação de buris. Referenciámos seis casos, com incidência especial no tipo de ângulo sobre fractura, 55,55% de cujos exemplares (5 em 9) são feitos através de golpes de buril formando ângulo diedro com superfícies de fractura de folhas de loureiro; um dos buris planos (983.302.73), por seu lado, tem como suporte um fragmento de peça foliácea (ponta de face plana ou folha de loureiro inacabada) em ligação com cuja superfície de fractura aparecem igualmente possíveis negativos de resíduos de golpe de buril.

5.4. Utensílios de bordo abatido

Sob o n.º 57 da lista-tipo ("peça à cran: lâmina apresentando um cran lateral") incluímos uma peça de características curiosas (983.312.27 — fig. 23, n.º 3). Trata-se de uma lâmina de crista em cuja extremidade proximal foi talhado, no bordo direito, por retoque abrupto profundo, um cran lateral, enquanto no bordo esquerdo o mesmo retoque abrupto contínuo é apenas marginal, sem que se chegue assim a desenhar uma pedunculação central.

5.5 Utensílios solutrenses

5.5.1. Pontas de face plana

Em percentagem reduzida (2,19%), apenas estão representadas por três subtipos (fig. 6), A, B e C, uma peça, fragmentada proximalmente em linha

quebrada, não tendo podido ser classificada.

No subtipo A incluímos a peça 983.315.1 (fig. 28, n.º 5), pelo seu perfil quase simétrico, com a ponta apenas ligeiramente desviada para a direita, e pela natureza claramente laminar do seu suporte; a fractura proximal que apresenta não deixa adivinhar se a base seria apontada ou arredondada; o

retoque plano afecta a face superior ao longo dos bordos, reservando a parte central, e a face inferior apenas marginalmente no bordo esquerdo. E também a peça 983.302.90 (fig. 28, n.º 4), fragmento distal de uma ponta fabricada sobre lâmina espessa e sem retoque na face inferior, com o aspecto de limace que Smith afirma ser mais comum neste subtipo nos níveis proto-solutrenses 19.

No subtipo B incluímos, embora com reservas, três peças em forma de lágrima, uma desviada para a direita e duas para a esquerda, fabricadas sobre lâmina curta. Qualquer delas, porém, apresenta um retoque plano limitado à extremidade proximal, mesmo no que diz respeito à face superior. A própria ponta é natural ou apenas retocada num dos bordos, pelo que não seria possível a sua inclusão no subtipo E. Trata-se talvez de peças inacabadas.

Assim, a peça 983.331.85 (fig. 28, n.º 2), desviada para a direita, apresenta uma ponta com retoque plano marginal directo no bordo esquerdo; a base, por seu lado, apresenta um retoque plano cobrindo toda esta área da peça na face superior, ausência de retoque na face inferior, e talão e bolbo conservados. A peça 983.307.19 (fig. 28, n.º 1) mostra a base coberta por retoque solutrense, tanto na face superior como na face inferior (com eliminação de talão e bolbo), prolongando-se nesta de forma marginal pelo bordo esquerdo, mas sem atingir a ponta que é não retocada. A peça 983.326.7, por sua vez, apresenta o bolbo eliminado por retoque plano paralelo, a extremidade basal, face superior, recoberta de retoque solutrense, e a ponta incipientemente afeiçoada no bordo esquerdo.

Finalmente, a peça 983.302.32 (fig. 28, n.º 3) pareceu-nos incluível sem grandes dificuldades no subtipo C. Fabricada sobre lâmina alongada, embora não muito, apresenta um retoque plano típico concentrado sobre o lado esquerdo da aresta mediana no anverso, que é parcialmente cortical, e sobre o bordo direito, na face inferior; o ápice encontra-se partido e uma pequena fractura lateral afecta a parte mesial do bordo esquerdo.

5.5.2. Folhas de loureiro

Constituem de longe o tipo mais abundante de toda a estação, representando um quarto do total de utensílios, incluindo quase todos os subtipos definidos por Smith 20 (fig. 6); grande parte (quase 42%), porém, não puderam ser classificadas, seja por se tratar de fragmentos distais, não permitindo induzir qual seria o seu género de base, seja por se tratar de exemplares inacabados.

Por outro lado, e envolvendo a definição de alguns subtipos consideracões dizendo respeito às dimensões das peças, realizámos paralelamente ao estudo tipológico (e servindo-lhe assim parcialmente de fundamento), um pequeno estudo tipométrico.

¹⁹ ID. — *ibid.*, p. 49. ²⁰ ID. — *ibid.*, pp. 50-53.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

	A III		III		тот	AL
69 A	1		1	12 P. C. L.	2	120 120 12
69 B			2		3	
69 C	1		1		1	
69 nd	-		1		1	
TOTAL	2		5		7	
70 A			1	1,22%	1	1,04%
70 C1	11	15,28%	13	15,85%	14	14,58%
70 C2	14	19,44%	14	17,07%	14	14,58%
70 D	1	1,39%	1	1,22%	1	1,04%
70 E	1	1,39%	1	1,22%	1	1,04%
70 F	1	1,39%	1	1,22%	1	1,04%
70 G	1	1,39% -	1	1,22%	1	1,04%
70 H	1	1,39%	1	1,22%	1	1,04%
70 I	1	1,39%	3	3,66%	4	4,17%
70 J	_		1000		1	1,04%
70 K	2	2,77%	2	2,43%	2	2,08%
70 L	2	2,77%	3	3,66%	3	3,12%
70 base recta	4	5,56%	4	4,88%	4	4,17%
70 denticulada				2	1	1,04%
70 esboços	5	6,94%	5	6,10%	7	7,29%
70 nd	28	38,89%	32	39,02%	40	41,67%
TOTAL	72	99,99%	82	100,00%	96	99,98%
71			I		2	
72 A		TOREST AND		THE REAL PROPERTY.	1	T MET THE TANK
72 B	-		-		1	
TOTAL	2-11				2	

Fig. 6 — Quadro de subtipos solutrenses (segundo Smith, 1966).

	AIII	Ш	TOTAL
Índice de raspadeiras	11,92	18,43	24,81
ndice de buris	7,28	5,75	4,79
Índice de buris diedros	5,96	4,87	4,26
Índice de buris sobre truncatura	0,00	0,00	0,00
Índice de perfuradores	0,00	0,00	0,53
Índice de entalhes e denticulados	6,62	6,58	7,47
Indice de raspadores	6,62	8,53	8,53
ndice do grupo aurignacense	1,32	1,76	1,87
Indice do grupo perigordense	0,00	0,00	0,53
Índice do grupo solutrense	49,01	39,47	28,53
Indice de utensílios com retoque plano	58,94	52,19	39,56
Índice de lascas solutrenses (percentagem sobre	o total		
dos brutos de talhe)	37,98	32,35	26,19

Fig. 7 — Quadro de índices técnicos e tipológicos.

Com efeito, no seu trabalho, Smith relata que, após constatar que devido à extrema fragmentação das folhas de loureiro "o comprimento do utensílio é raramente conhecido ou passível de estimação", utilizou as medidas de largura, que considera "muito úteis", para classificar os fragmentos de folhas de loureiro da seguinte forma: com menos de 2 cm, pequenos; entre 2 e 4 cm, médios; com 4 cm e mais, grandes. Para além destes, no entanto, refere que "há ocasionalmente especímenes que devem ser descritos como muito grandes, ou como miniaturas". A aplicação prática revelou a pertinência do sistema, "a não ser no caso das peças muito alongadas, finamente trabalhadas, para as quais a largura quase não tem relação com o comprimento" ²¹. Noutro lado, explica que a diferenciação dos subtipos I (miniaturas) e J (muito grandes), se faz através de uma descontinuidade nas dimensões, "o seu tamanho saindo fora das margens de variação do subtipo A (isto é, não há especímenes intermediários)" ²².

A aplicação deste método na nossa amostragem cedo revelou porém que, tomando em consideração apenas a largura das peças, se obtinha uma distribuição sem grandes soluções de continuidade. Deste modo, e dado que o comprimento apenas era mensurável em um terço das peças (32 em 96), resolvemos tomar igualmente em consideração a variável espessura, obtendo

assim o gráfico da fig. 11 23.

O coeficiente de correlação entre as duas variáveis é de aproximadamente 0,72, o que significa, em termos estatísticos, que a variação das espessuras é em cerca de 52% explicada pela variação das larguras; na explicação do restante entrando seguramente factores que aqui não puderam ser tomados em linha de conta, fundamentalmente o comprimento das peças, mas também o seu grau de acabamento, por exemplo. Note-se, porém, que excluindo da

$$b_1 = \frac{\frac{\Sigma xy}{N} - \bar{x}\bar{y}}{\frac{\Sigma x^2}{N} - \bar{x}^2}, \text{ em que } N = \text{número de peças, } \bar{y} = \text{média de } y.$$

O coeficiente de correlação, por sua vez, é dado pela fórmula

$$r = \frac{\frac{\sum xy}{N} - \overline{xy}}{Sx \cdot Sy}, \text{ em que } Sx = \sqrt{\frac{\sum x^2}{N} - \overline{x}^2} \text{ \'e o desvio padrão de } x.$$

e Sy =
$$\sqrt{\frac{\overline{\Sigma y^2}}{N} - \overline{y}^2}$$
 é o desvio padrão de y.

²¹ ID. — *ibid.*, p. 82. ²² ID. — *ibid.*, p. 53.

²³ As rectas de regressão foram construídas com base no método dos mínimos quadrados, sendo $y = b_1(x - \bar{x}) + \bar{y}$, em que

y = espessuras mensuráveis máximas

x = larguras mensuráveis máximas

 $[\]bar{x}$ = média de x

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

amostragem as peças classificadas como esboços, o coeficiente de correlação aumenta para aproximadamente 0,78, as larguras explicando estatisticamente as

espessuras, agora, numa proporção de cerca de 61% 24.

A imagem das características métricas das peças assim conseguida é de qualquer forma mais próxima da verdade que a que obteríamos tomando em consideração somente as larguras. Ela permite isolar as cinco categorias estabelecidas por Smith (fig. 12), possibilitando a classificação de quatro peças no subtipo I (miniaturas) e de uma peça no subtipo J (muito grandes), agrupando-se as restantes fundamentalmente em torno das dimensões médias. Note-se, no que respeita à peça 983.320.1 (fig. 35, n.º 2), um fragmento mesial de folha de loureiro que, apenas em termos de largura, embora a mais elevada de toda a população, não poderia ser separado das pecas de dimensões grandes, que foi classificado no subtipo I em função da sua elevada espessura, cuja explicação, dado se tratar de um exemplar bem acabado, nos pareceu correcto atribuir à variável desconhecida, o comprimento; é porém possível igualmente que ela se deva ao facto de esta peca ser talhada em quartzito. e não em sílex, como praticamente todas as restantes peças. Tenha-se em conta ainda, no entanto, que a única outra peça talhada numa rocha de grão menos fino (983.302.53 — fig. 31, n.º 1 —, fabricada em basalto), apresenta uma espessura exactamente igual à média: 9 mm.

O gráfico da fig. 11 fornece ainda a comprovação da existência real do grupo de peças que classificámos como esboços. À excepção de dois exemplares que, pelas suas reduzidas dimensões (naquele em que o comprimento é mensurável o seu valor é de apenas 39 mm), aparecem misturados com as restantes, os esboços concentram-se na parte de cima do gráfico, devido à sua maior espessura. O isolamento deste grupo seria ainda mais evidente (como o seria aliás também o isolamento da já discutida peça 983.320.1) não fosse a existência de exemplares de transição entre as nossas definições de esboço e de peça inacabada, cuja projecção no gráfico estabelece precisamente a ponte com

a área de dispersão das folhas de loureiro sensu strictu.

Com efeito, já anteriormente, ao discutirmos as características desta estação que contribuíam para a sua definição paletnológica como oficina de talhe, havíamos referido a existência de folhas de loureiro em várias fases de fabricação. Neste continuum de fases intermédias entre o suporte bruto e a peça acabada pareceu-nos no entanto possível, e apesar da existência de exemplares de transição como os acima mencionados, distinguir aqueles dois momentos principais, cujo sentido importa assim explicitar.

Os parâmetros estatísticos das duas populações são os seguintes (tendo a unidade de medida sido o milímetro):

A) Todas as folhas de loureiro:

N = 96; \overline{x} = 29,4; \overline{y} = 9; Sx = 8,2; Sy = 3,9; y = 0,34x - 1; r = 0,72.

B) Excluindo os esboços:

N = 89; \overline{x} = 29; \overline{y} = 8,4; Sx = 8,4; Sy = 3,3; y = 0,3x - 0,3;

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

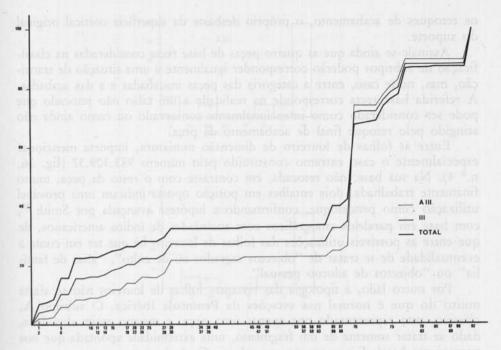


Fig. 8 — Gráficos cumulativos do Solutrense de Vale Almoinha.

Entendemos então por esboço uma peça de forma ainda mal definida mas já retocada bifacialmente, onde é visível a extracção de lascas solutrenses, denunciando a intenção de se obter a partir dela uma folha de loureiro, incidindo as operações seguintes fundamentalmente na redução da espessura da peça (como é aliás matematicamente evidenciado pela elevação do coeficiente de correlação entre largura e espessura que vimos já verificar-se quando este tipo de peças é excluído da população estatística de folhas de loureiro). É o caso, por exemplo, da peça 983.302.118/123 (fig. 29), com a qual pudemos relacionar quatro lascas solutrenses (983.302.401, 983.302.543, 983.330.41 e 983.331.73), duas das quais remontáveis, cuja fabricação foi abandonada por se ter fracturado ao longo de uma linha de impurezas do sílex em que vinha sendo afeiçoada. A expressão peça inacabada, por seu lado, refere-se a folhas de loureiro indubitáveis, mas cujos retoques finais não chegaram a ser concluídos (é o caso, por exemplo, da peça 983.302.42, que, tendo já a forma de uma peça foliácea bifacial, apresenta o caraterístico retoque plano em bandas paralelas apenas no bordo esquerdo, face superior, zona distal, estando o resto da peça visivelmente por acabar), impossibilitando assim a classificação em sub tipos. Já a peça 983.302.74, no entanto, representa um bom exemplo de situação transitória entre as duas definições, embora por nós considerada entre as peças inacabadas: é indubitavelmente uma folha de loureiro em curso de fabricação mas onde, em parte de uma das faces, falta, mais ainda do que os retoques de acabamento, o próprio desbaste da superfície cortical original

do suporte.

Assinale-se ainda que as quatro peças de base recta consideradas na classificação de subtipos poderão corresponder igualmente a uma situação de transição, mas, neste caso, entre a categoria das peças inacabadas e a das acabadas. A referida base recta corresponde na realidade a um talão não retocado que pode ser considerado como intencionalmente conservado ou como ainda não atingido pelo retoque final de acabamento da peça.

Entre as folhas de loureiro de dimensão miniatura, importa mencionar especialmente o caso extremo constituído pelo número 983.309.37 (fig. 36, n.º 4). Na sua base, não retocada, em contraste com o resto da peça, muito finamente trabalhada, dois entalhes em posição oposta indicam uma provável utilização como pendeloque, confirmando a hipótese avançada por Smith ²⁵, com base em paralelos etnográficos com sociedades de índios americanos, de que entre as possíveis utilizações das folhas de loureiro há que ter em conta a eventualidade de se tratar de "objectos sagrados ou de culto", "jóias de famí-

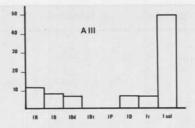
lia" ou "objectos de adorno pessoal".

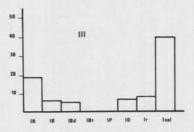
Por outro lado, a tipologia das restantes folhas de loureiro não se afasta muito do que é normal nas estações da Península Ibérica. O subtipo A, clássico, está representado por apenas uma peça, e mesmo assim duvidosa, dado se tratar somente de um fragmento, uma extremidade apontada que nos pareceu ser basal. Em contraste, no subtipo C, de base convexa, agrupam-se 29% do total das peças do tipo (distribuindo-se equitativamente entre formas simétricas — C1 — e assimétricas — C2), percentagem que sobe para 50% se considerarmos apenas as de subtipo determinável. Note-se ainda a inexistência das faces dorsais de perfil carenado, como as que aparecem nas fases iniciais do Solutrense da região cantábrica; por outro lado, sobretudo nas peças mais pequenas, a extremidade oposta à base não é por vezes apontada, tendendo antes para um certo arredondamento.

Os subtipos D, E, F e G estão representados por uma peça cada um, tal como o subtipo H. Deste último existe apenas, com efeito, um fragmento basal onde se adivinha um esboço de pedúnculo, obtido por operações de retoque abrupto sobre os bordos basais da peça que reservaram a sua parte central. O subtipo K está representado por dois fragmentos basais que parecem ter pertencido a peças simétricas, e o subtipo L por duas peças inteiras e um fragmento mesial. Uma peça (983.331.55 — fig. 36, n.º 5), devido à denticulação profunda dos seus bordos, foi colocada num subtipo separado; note-se porém que a denticulação dos bordos, embora não tão pronunciada como neste caso extremo, é uma característica igualmente presente noutros subtipos, como a ponta de base côncava 983.302.45 (fig. 33, n.º 1) e as peças de subtipo L 983.302.44 (fig. 35, n.º 1) e 983.302.70 (fig. 36, n.º 1), a primeira das quais apresenta igualmente, na zona proximal, dois entalhes em posição oposta, provavelmente para facilitar um eventual encabamento.

²⁵ SMITH — op. cit. (v. nota 15), p. 51.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86





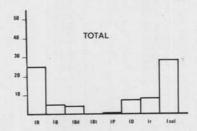


Fig. 9 — Gráficos de barras dos índices tipológicos do Solutrense de Vale Almoinha. IR — índice de raspadeiras; IB — índice de buris; IBd — índice de buris diedros; IBt — índice de buris sobre truncatura; IP — índice de perfuradores; ID — índice de denticulados; Ir — índice de raspadores; Isol — índice solutrense.

5.5.3. Folhas de salgueiro

Apenas duas peças puderam ser integradas neste tipo; uma (983.301.25) é de atribuição até certo ponto duvidosa, dado se tratar de um fragmento de reduzidas dimensões. A outra, absolutamente típica, encontra-se fracturada distalmente e apresenta o bolbo eliminado por retoque plano, bem como os característicos perfil encurvado longitudinalmente e secção plano-convexa (983.307.7 — fig. 37, n.º 3).

I.º DE INVENTÁRIO	SUBTIPO	COMPRIMENTO	LARGURA	ESPESSURA
983.307.14	A(?)	- 100 E 11 2 3	29	8
983.302.35	Ci	50	26	9
983.302.39	C1	49	29	9
983.302.41	Cl	46	27	
983.302.54	CI	70		10
983.302.61	Ci		35	8
983.302.62	CI		48	13
983.302.66		A Laboratory	46	9
983.302.69	CI		35	10
763.302.69	CI		30	8
983.302.72	CI	74	30	9
983.302.87	Ci		30	8
983.302.108	CI			
983.307.5/983.307.21	C1(?)		28	7
983.307.20	CI	70	23	5
983.321.1		79	39	11
	C1(?)	46	29	7
983.302.34	C2	11 TO 10 TO	32	6
983.302.43	C2	87	27	9
983.302.53	C2	ALL THE RESERVE	34	9
983.302.56	C2	55	26	8
983.302.59	C2	55	32	
983.302.63	C2			10
983.302.68	C2		31	6
983.302.79	C2 C2		32	9
			37	9
983.302.85/983.301.13	C2	64	40	10
983.302.100	C2	-	29	9
983.302.106	C2		25	9
983.302.110	C2	The second second	20	4
983.302.234	C2		17	5
983.331.145/983.302.37	C2	70	20	
983.302.45	D		28	10
983.302.31	E	54	22	6
983.302.27		45	31	12
983.302.50	F	45	28	8
	G		32	8
983.302.57	H		30	8
983,302.112	I		10	2
983.309.37	I	17	7	2
983.326.18	I		13	4
983.326.19	1	THE REAL PROPERTY.	13	
983.320.1	Water Francisco	90% to 100	49	3
983.302.67	Y	THE DESIGNATION OF THE PERSON		21
983.302.81	K	THE RESTREET	41	12
	K	00	45	10
983.302.44	L	82	21	11
983.302.70	L		18	4
983.307.15/983.302.216	L	54	23	6
983.302.30	base recta	-	29	8
983.302.38	base recta	56	32	8
983.302.60	base recta	56	28	10
983.302.93	base recta	43	25	9

Fig. 10 — Dimensões das folhas de loureiro de Vale Almoinha (em milímetros).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

i.º DE INVENTÁRIO	SUBTIPO	COMPRIMENTO	LARGURA	ESPESSURA
983,331.55	denticulada		23	6
983.302.75	esboço	66	40	25
983.302.91	esboço	NAME OF TAXABLE PARTY OF	30	15
983.302.92	esboço	48	35	17
983.302.103	esboço	48	37	17
983.302.118/983.302.123	esboço	59	39	19
983.322.1	esboço		26	9
983.331.70	esboço	39	31	11
983.301.35	nd		32	10
983.302.28	nd		45	18
983.302.29	nd	53	30	11
983.302.36	nd	52	30	14
983.302.40	nd	35	20	7
983.302.42	nd	68	26	- 11
983.302.49	nd		32	7
983.302.51	nd		18	4
983.302.55	nd		36	7
983.302.58	nd	-	29	8
983.302.64	nd		33	8
983.302.65	nd		31	7
983.302.71	nd	56	17	8
983.302.74	nd	69	44	16
983.302.80	nd		28	7
983.302.86	nd		38	13
983.302.88	nd		43	12
983.302.89	nd	BELLEVILLE	27	10
983.302.95	nd		19	6
983.302.96	nd		36	6
093 303 104	nd		32	7
983.302.104	nd		32	7
983.302.105	nd		20	3
983.302.109 983.302.122	nd	- 10 to 10 t	43	18
			22	8
983.302.159	nd nd	THE REAL PROPERTY.	23	8
983.302.163 983.302.209	nd	36	25	7
983.302.341	nd	30	26	9
983.302.358	nd		34	9
001 107 /			17	4
983.307.6	nd nd		29	7
983.307.37	nd		35	10
983.307.38				4
983.308.2	nd		21	
983.309.6	nd	MANUFACTURE STREET	33	11
983.310.1/983.310.2	nd	Maria Commence	26	4
983.316.1	nd		31	-
983.317.9	nd		34	12
983.324.3	nd	THE RESERVE	26	6
983.331.4	nd	William The Sail	30	10
983.331.63	nd		19	5

5.5.4. Pontas à cran

O número 983.319.1 (fig. 37, n.º 5) é provavelmente uma peça inacabada, fabricada sobre uma lâmina em cuja extremidade distal foi aberto o *cran* e em cuja extremidade proximal o bolbo começou a ser eliminado por retoque plano, por forma a se obter uma ponta eficaz. Situado à esquerda, o *cran* foi obtido por retoque inverso e plano (não existindo em toda a peça qualquer vestígio de retoque abrupto), pelo que a peça pode ser incluída no subtipo B de Smith ²⁶. Note-se finalmente a fina denticulação dos bordos, característica que já vimos igualmente aparecer nalgumas folhas de loureiro.

No número 983.331.82 (fig. 35, n.º 4), por seu lado, o pedúnculo está fracturado, e o *cran* apenas se adivinha na extremidade basal direita do limbo. O retoque concentra-se nos bordos da ponta, reservando a sua parte central. Admitindo-se a classificação como ponta à *cran*, embora com as devidas re-

servas, tratar-se-ia de uma peça incluível no subtipo A de Smith.

5.6. Utensílios vários

Importa assinalar neste capítulo a relativa importância dos raspadores e do grupo entalhes/denticulados (índices respectivos: 7,47% e 8,58%). Entre os entalhes, diversos subtipos poderiam ser estabelecidos, nomeadamente o dos entalhes sob fractura (983.301.4 — fig. 24, n.º 3) e o dos entalhes em extremidade (983.304.10 — fig. 24, n.º 2 — e 983.304.18); merecem ainda menção especial duas peças magníficas (983.306.14 — fig. 25, n.º 1 — e 983.323.1), embelezadas com retoque plano nas duas faces.

5.7. Peças geométricas e utensilagem sobre lamelas

A única peça que pôde ser integrada neste grupo é uma lamela de dorso, cujo bordo esquerdo se apresenta abatido por um retoque semiabrupto contínuo; fracturada distalmente, o seu suporte aparenta ter sido um resíduo de golpe de buril (983.331.58 — fig. 27, n.º 1).

5.8. Diversos

Incluímos sob esta designação os fragmentos de utensílios que não permitiam uma classificação em tipos próprios, bem como diversas peças cujo retoque irregular as não definia como utensílios específicos ou era interpretável como resultante de utilização. E ainda os seixos talhados de quartzo ou quartzito associados à indústria, que constituem provavelmente o conjunto languedocense que Heleno afirmou ter identificado em Vale Almoinha ²⁷ e que apresentam efectivamente o característico talhe periférico remontante.

5.9. Núcleos e produtos de talhe

Os núcleos são na sua maior parte discóides, globulosos ou sem forma definida, apenas um é claramente piramidal (983.302.136 — fig. 26, n.º 4);

²⁶ ID. — *ibid.*, pp. 53-54.

²⁷ HELENO — op. cit. (v. nota 2).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

note-se, porém, que vários núcleos prismáticos foram reutilizados como raspadeiras ou rabots, estando como tal incluídos entre os utensílios.

O facto mais significativo, entre os produtos de talhe, é a elevada percentagem de lascas solutrenses (26,19%, como já vimos), valor que, no entanto, é praticamente idêntico ao máximo da margem de variação verificada por Smith para o Solutrense superior francês ²⁸.

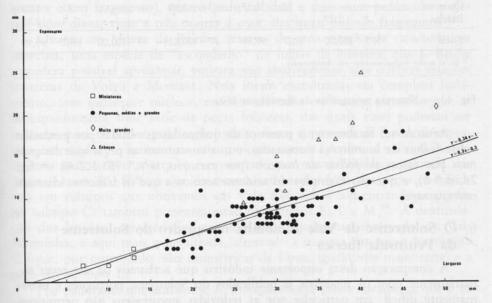


Fig. 11 — Gráfico de dispersão das dimensões (largura e espessura) das folhas de loureiro de Vale Almoinha. Quadrados — miniaturas; círculos — pequenas, médias e grandes; losangos — muito grandes; triângulos — esboços.

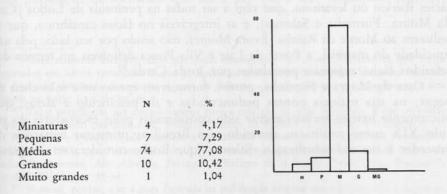


Fig. 12 — Quadro e gráfico de barras das classes de dimensões das folhas de loureiro de Vale Almoinha. m — miniaturas; P — pequenas; M — médias; G — grandes; MG — muito grandes.

²⁸ Entre 9% e 25% em Laugerie-Haute. Cf. SMITH — op. cit. (v. nota 15), p. 128.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

	Ut	ensílios	Brutos	de talhe	N	Núcleos	Per	rcutores	T	otal
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sílex (1)	360	96,00	946	92,11	72	93,51		_	1378	92,98
Jaspe	2	0,53	-	-	_	_	_	_	2	0,13
Ágata	-	THE COUNTY	2	0,19	-		_		2	0,13
Quartzito	12	3,20	. 67	6,52	2	2,60	3	100,00	84	5,67
Quartzo	_	_	12	1,17	3	3,90	-	-	15	1,01
Basalto	1	0,27	-	-	-		· —	otto.	1	0,07
Total	375	100,00	1027	99,99	77	100,01	3	100,00	1482	99,99

¹ Inclui outras rochas siliciosas não determinadas

Fig. 13 - Natureza petrográfica da utensilagem lítica.

Assinale-se, finalmente, a presença de quinze lascas obtidas por percussão sobre folhas de loureiro já terminadas, e que constituem as peças que designámos por lascas de folhas de loureiro (por exemplo, o n.º 983.302.48 — fig. 28, n.º 6), e que são exemplos do acidente técnico a que os franceses chamam outrepassage.

6. O Solutrense de Vale Almoinha no quadro do Solutrense da Península Ibérica

A comparação desta importante indústria que acabamos de descrever sumariamente com os materiais já publicados do Solutrense português é extremamente difícil, em particular por as reduzidas amostragens não permitirem em geral a quantificação das observações. De qualquer forma, no mais recente trabalho de síntese que conhecemos sobre o assunto, J. Roche 29 considerava possível dividir as estações portuguesas em dois grupos: as integráveis no fácies ibérico ou levantino, que vêm a ser todas na península de Lisboa (Casa da Moura, Furninha e Salemas), e as integráveis no fácies cantábrico, que se reduzem ao Monte da Rainha (Évora Monte); não sendo por seu lado, pela não tipicidade do material, a Ponte da Laje e Vila Pouca definíveis em termos dos referidos fácies regionais postulados por Jordá Cerdá 30.

Casa da Moura e Furninha, porém, forneceram apenas uma mão-cheia de peças, na sua maioria pontas pedunculadas e de pedúnculo e aletas, que inicialmente haviam inclusivamente sido consideradas pelos escavadores do século XIX como neolíticas, devendo-se a Breuil as primeiras tentativas de proceder à sua individualização. Salemas (que Roche considera ser integrável

²⁹ ROCHE, J. – État actuel de nos connaissances sur le Solutréen portugais. "Zephyrus",

XXV, Salamanca, 1974, pp. 81-94.

30 JORDÁ CERDÁ, F. — El Solutrense en España y sus problemas. Oviedo, 1955, pp. 176, 183 e 213-215.

³¹ FULLOLA-PERICOT, Josep M.ª — Las industrias líticas del Paleolitico Superior Ibérico. Série de Trabajos Varios, Servicio de Investigación Prehistórica, n.º 60, Valencia, 1979, p. 238.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

no Solutrense evoluído levantino por comparação com os níveis IV e V da Cueva de Ambrosio mas que trabalhos mais recentes precisam poder representar um momento de transição para o Solutreo-gravettense mais avançado que o identificado no topo dos referidos níveis ³¹), por seu lado, deu uma tipologia solutrense onde aparecem apenas quatro peças "com retoque bifacial de tipo folha de loureiro" não pedunculadas (sendo uma aparentada às blattspitzen e um fragmento), quatro pedunculadas, e duas com pedúnculo e aletas; além disso, vinte e três pontas à cran, das quais dez são fragmentos ³².

Ouanto ao Monte da Rainha, trata-se de uma estação de características especiais, uma espécie de "esconderijo" de folhas de loureiro, que J. Roche considera possível aproximar, embora não abusivamente, das célebres estações francesas de Volgu e Montaut. Nela foram encontradas em completo isolamento, sem quaisquer núcleos, resíduos de talhe ou outros utensílios que as acompanhassem, uma série de peças foliáceas, das quais vinte puderam ser reunidas para estudo e publicação; muito finas, com cerca de 8 mm de espessura em média 33, apresentam um tipologia variada. Assim, o subtipo A está ausente mas o B encontra-se representado por um exemplar, a maioria das peças (11 em 20, 55%, valor da mesma ordem dos 50% das peças classificáveis em subtipos que obtivemos em Vale Almoinha) concentrando-se porém no subtipo C; também presentes estão os subtipos E, L e M 34. A denticulação dos bordos, característica que havíamos igualmente observado em Vale Almoinha, é aqui mais generalizada, afectando a maioria das peças do subtipo C (que, por outro lado, são assimétricas de forma igualmente maioritária) e a peca do subtipo L.

No panorama que acabámos de esboçar resulta assim claramente que é na estação de Évora Monte que podemos encontrar o termo de comparação português mais próximo do Vale Almoinha, onde estão completamente ausentes as pontas de pedúnculo e aletas que caracterizam a indústria de Salemas, numa população de utensílios que lhe é por outro lado largamente superior,

³² Estes números incluem, além das peças encontradas "en place", também as que foram encontradas em níveis remexidos e que J. Roche considera integráveis neste horizonte cultural; uma discussão detalhada das pontas à cran de Salemas e dos problemas que elas levantam será realizada na parte final do artigo.

³³ Valor semelhante aos que obtivemos para a coleçção de Vale Almoinha: 9 mm incluindo os esboços, 8,4 mm excluíndo-os. Sobre o Monte da Rainha cf. ROCHE, J.; RIBEIRO, L.; VAULTIER, M. — L'industrie du gisement d'Evoramonte (Alentejo). "O Arqueólogo Português", série III, II, 1968, pp. 7 e ss. ROCHE, J. — L'industrie du gisement solutréen de Monte da Rainha (Évoramonte, Alto Alentejo, Portugal). "Bulletin de la Société Préhistorique Française", tome 69, CRSM, pp. 49-54.

³⁴ Note-se, porém, que a peça figurada na publicação original dos materiais como representando o subtipo E é de classificação duvidosa; o próprio Roche considera-a como sendo possivelmente de "subtipo intermediário entre E e F". Em nossa opinião, sujeita naturalmente a erro até por nos podermos apenas basear no desenho publicado, a reentrância que a peça apresenta na zona basal parece corresponder mais a uma fractura lateral do que a uma base côncava — cf. ROCHE — op. cit. (v. nota 33). Nas peças de Vale Almoinha, porém, a "base côncava" tão-pouco é retocada, parecendo fabricada por fractura intencional, mas está claramente localizada no eixo da peça, e não lateralmente a ele.

não podendo ser portanto apontadas eventuais deficiências de amostragem para justificar a referida inexistência. Este paralelo viria assim reforçar a ideia da presença no nosso país do Solutrense dito de fácies cantábrico, e já não apenas numa zona geograficamente algo distante da área de concentração das estações de fácies levantino mas em pleno coração desta, no centro da península de Lisboa (fig. 18). Não deixando por outro lado a coexistência dos dois fácies na mesma zona de obrigar ao questionamento dos próprios postulados de Jordá Cerdá, que se baseiam na existência de fronteiras claras, embora de delineação indeterminada, entre os dois fácies, por isso mesmo descritos como regionais. O próprio M. Heleno, apercebendo-se disso, mas sem se fundamentar na publicação dos materiais, não hesitou em contradizer a tese de Jordá Cerdá, proclamando a inexistência de qualquer diferenciação baseado na descoberta simultânea, em Portugal, de estações que atribuía a ambos os fácies definidos em Espanha — Passal e Vascas, em Rio Maior, mediterrânicas, com pontas de Parpalló, cantábricas as restantes ³⁵.

Num estudo posterior à síntese de J. Roche, Jordá Cerdá e Fortea-Pérez questionam porém a definição cantábrica de Monte da Rainha; baseados na estratigrafia da Cueva de les Mallaetes e na estratigrafia comparada desta estação com a de Parpalló, consideram mais correcto integrá-lo no seu Solutrense médio ou pleno de fácies ibérico, onde se encontraria "toda ou quase toda" a tipologia solutrense da estação de Évora Monte ³⁶; apesar do elemento contraditório representado pela inexistência nesta de peças pedunculadas, cuja aparição é uma característica que os próprios autores incluem na sua definição desse Solutrense pleno, esta atribuição permitiria no entanto dar coerência à ideia de um Solutrense ibérico abrangendo toda a Península com excepção de uma Cantábria tradicionalmente mais ligada a França.

Mas mesmo admitindo a correcção desta atribuição, coloca-se agora o problema de saber se idêntica operação é possível em relação ao Vale Almoinha. Pensamos que não, mas procuraremos discutir detalhadamente essa hipótese, discussão que se referirá fundamentalmente aos diversos tipos solutrenses uma vez que, no que respeita aos perfis globais desenhados pelos gráficos cumulativos, não há diferenças significativas nem entre os dois fácies nem entre o Solutrense peninsular em geral e o Solutrense francês ³⁷. Apresentaremos porém, em primeiro lugar, a sequência e os paralelos propostos por Fortea Pérez e Jordá Cerdá (quadro I).

A inexistência das pontas de pedúnculo e aletas e das peças à cran de bordo abatido em Vale Almoinha exclui imediatamente um eventual paralelismo com qualquer dos três momentos do Solutrense superior levantino. A abundância e riqueza de tipos das folhas de loureiro, por seu lado, tornaria

³⁵ HELENO — op. cit. (v. nota 2), pp. 236-237.

³⁶ JORDA CERDÁ; FORTEA PEREZ — La Cueva de les Mallaetes y los problemas del Paleolítico Superior del Mediterraneo Español. "Zephyrus", XXVI-XXVII, pp. 129-166, Salamanca, 1976, espec. pp. 162.

^{1976,} espec. pp. 162.

37 RIPOLL-PERELLÓ, Eduardo — Solutrense de tipo ibérico en Portugal. "Ampurias", XXVI-XXVII, Barcelona, 1964-1965, pp. 210-213.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

QUADRO I — EVOLUÇÃO DO SOLUTRENSE DE FÁCIES LEVANTINO (segundo JORDÁ e FORTEA, 1976)

FASE	ESTRATOS-TIPO	CARACTERÍSTICAS INDUSTRIAIS	EQUIVALÊNCIA EM JORDÁ, 1955	PARALELOS EM FRANÇA
INICIAL on A	Mallaetes-Este VI Parpalló (6,25-7,25 m)	Aparecimento do retoque plano e das pontas de face plana	lease lease lease many	Proto-solutrense/ Solutrense Inferior
PLENO ou B	Mallaetes-Este Va-V Mallaetes-Oeste X Parpalló (5,25-6,25 m)	Pontas de face plana, tipos bifaciais de base convexa, aparecimento das primeiras pedunculações	Solutrense Ibérico I	Solutrense Médio
0 0	Mallaetes-Este IV (estéril) Cueva de Ambrosio IV-V Parpalló (4,75-5,25 m)	Tipos foliáceos vários, pontas de pedúnculo e aletas bem destacadas, poucas pontas à cran de bordo abatido	Solutrense Ibérico II	Solutrense Superior e Final
O HOLDER on	Mallaetes-Este III Parpalló (4,50-4,75 m) (38)	Abundantes pontas à cran de bordo abatido, pontas pedunculadas (sem aletas ou só com esboço de aletas), rarefacção dos tipos foliáceos, lamelas de bordo abatido	Solutrense Ibérico III	ecutaro (cui ecucario de politoreo de ecucario de ecutario de ecut
C III (Solutreo-gravettense)	Mallaetes-Este II Parpalló (4-4,5 m)	Extinção das pontas pedunculadas e dos tipos foliáceos, pontas à cran de bordo abatido, lamelas de bordo abatido	Solutrense Ibérico IV	services of the services of th

absurda qualquer comparação com a fase inicial. Tratar-se-á então, tal como propõem Jordá e Fortea para o Monte da Rainha, de um Solutrense da fase plena?

Em Parpalló, o estrato correspondente é dividido por Fullola-Pericot em duas partes ³⁹: na inferior, ainda aparecem pontas de face plana, e desenvolvem-se os vários tipos de folhas de loureiro; na superior, por seu lado, já aparecem elementos mais evoluídos — peças pedunculadas, autênticas pontas de pedúnculo e aletas, algumas raspadeiras solutrenses, algumas (segundo Fortea) possíveis folhas de salgueiro ⁴⁰ e três peças à cran (duas lâminas e uma ponta) ⁴¹. Este Solutrense médio evoluído, onde pela primeira vez surgem as peças à cran, poderia fornecer o paralelo requerido não fora, uma vez mais, o aparecimento, em associação com elas, das peças que Fullola-Peri-

cot descreve como autênticas pontas de pedúnculo e aletas.

Idêntico é o panorama que se nos depara em Les Mallaestes, em que o estrato correspondente ao Solutrense pleno é o Va-V, e onde às pontas de face plana, subtipos C e E, se juntam folhas de loureiro dos subtipos C, L, G e F ou M; uma vez mais, porém, já aparecem quatro folhas de loureiro com pedunculação e três peças de pedúnculo e esboço de aletas, não havendo aqui, por outro lado, quaisquer pontas à cran 42. Acresce ainda que, tanto quanto sabemos, nem em Parpalló nem em Les Mallaetes existem seja peças de base côncava seja folhas de salgueiro propriamente ditas, isto é, unifaciais (n.º 71 da lista-tipo, não subtipo L das folhas de loureiro, também chamadas por vezes folhas de salgueiro bifaciais), como em Vale Almoinha.

Ausente, como está, esse fóssil director do Solutrense ibérico que é a ponta de Parpalló, a presença de pontas à cran em Vale Almoinha indica-nos de qualquer forma o carácter evoluído da sua indústria, equiparável, por isso

³⁸ Fullola-Pericot, porém (*op. cit.*, v. nota 31, pp. 82-83), considera este nível, que o escavador inicial (Luís Pericot), tal como Jordá e Fortea, integrava ainda no Solutrense superior, como já solutreo-gravettense, devido ao aumento da proporção das pontas *à cran* mediterrânicas, e correspondente diminuição dos tipos foliáceos, em relação ao horizonte subjacente (4,75 — 5,25 m).

³⁹ ID. — *ibid.*, pp. 77-78.

⁴⁰ As referências de Fortea a "folhas de salgueiro" nem sempre são explícitas quanto ao significado da expressão, isto é, quanto a saber se se trata do n.º 71 da lista-tipo ou do subtipo L de folhas de loureiro, por vezes também chamado "folha de salgueiro bifacial". Na fonte desta referência feita por Fullola-Pericot (*Los complejos micro-laminares y geometricos del Epipaleolítico mediterraneo español*, Salamanca, 1973, p. 490) assim acontece, bem como na nota da p. 150 do artigo que escreve com Jordá. Neste, da única vez em que é claro e inequívoco, a expressão refere-se a folhas de loureiro do subtipo L (n.º 22 do Estrato V, Les Mallaetes 1970 Este).

⁴¹ Embora não seja referido explicitamente se se trata de peças de tipo clássico, obtidas por

Embora não seja referido explicitamente se se trata de peças de tipo clássico, obtidas por retoque plano solutrense, ou de tipo mediterrânico, com bordo abatido. Por outro lado, convém não esquecer que o Parpalló foi escavado por níveis artificiais de 25 cm de espessura, e que, portanto, é perfeitamente possível, para não dizer natural, que pelo menos alguns destes elementos mais evoluídos sejam provenientes do Solutrense superior, cuja base pode ter sido localmente afectada pela "fatia" correspondente ao nível 5,25-5 m.

⁴² Note-se, porém, que tanto as peças bifaciais assimétricas como as pontas pedunculadas e as pontas de Badegoule provêm não das escavações de 1970, onde foi estabelecida a estratigrafia actual, mas das de 1946-49, sendo assimiláveis aos estratos Va-V "com menos rigor".

mesmo, ao Solutrense superior francês. Trata-se no entanto de peças de tipo clássico, produzidas por retoque plano, as quais, embora presentes igualmente no Solutrense superior de Parpalló, são, no entanto, completamente esmagadas numericamente pelas pontas de tipo mediterrânico, com bordo abatido (quatro contra cento e vinte e quatro se incluirmos o nível 4,5-4,75 m que Fullola-Pericot considera já Solutreo-gravettense, duas contra quarenta nos níveis entre 4,75 e 5,25 m), que tão-pouco estão representadas em Vale Almoinha 43.

Note-se finalmente que uma das características mais importantes do Solutrense superior levantino é a renascida importância do retoque abrupto. Em Parpalló, que Fullola-Pericot estudou segundo a metodologia tipológica proposta por Laplace, os "abruptos" constituem 14,58% dos "tipos primários", valor muito próximo dos 16,43% dos "planos", situação que se expressa, na "sequência estrutural", pela inexistência de "ruptura" entre os dois "modos"; pelo contrário, em Laugerie-Haute Este, segundo a mesma fonte, e sendo a "sequência ordinal" idêntica, com os planos antecedendo também os abruptos, a sequência estrutural apresenta porém uma ruptura (embora pe-

quena, de 4.ª ordem) entre ambos 44.

Também em Vale Almoinha a utilização do retoque abrupto é diminuta, sobretudo quando comparada com a do retoque plano; apenas o pudemos observar, com efeito, na microrraspadeira grimaldense já descrita, na única possível raclette que identificámos no conjunto (983.331.9), na lâmina à cran, na fabricação das pedunculações já referidas de duas raspadeiras solutrenses e de uma folha de loureiro, na lamela de dorso que é igualmente exemplar único, no perfurador típico, e numa ou outra frente de raspadeira, onde parece porém ser resultante de super-utilização ou de reavivamento. Embora as diferentes metodologias utilizadas imponham limites óbvios à comparação, note-se ainda, finalmente, e por confronto com a situação em Parpalló, o

⁴³ FULLOLA-PERICOT, op. cit., (v. nota 31), pp. 81-82.

⁴⁴ ID. — ibid, pp. 82-84; há que ter ainda em conta, no entanto, que a percentagem dos abruptos em Laugerie-Haute Leste se encontra provavelmente inflacionada em relação ao normal para o Solutrense superior, devido à elevadíssima proporção de perfuradores e becs que aí se verifica, em contradição com o panorama existente nas restantes estações francesas desta época. A comparação entre os índices do grupo perigordense e do grupo solutrense será talvez mais elucidativa, embora a sua confrontação com os dados do Parpalló deva ter em conta as diferentes metodologias utilizadas e as limitações daí decorrentes. Assim (ver fig. 17), enquanto o primeiro daqueles índices varia, no Solutrense superior de Laugerie-Haute, entre 1,23% e 4,59%, o segundo vai de um mínimo de 22,65% a um máximo de 41,34%. A comparação entre as estações peninsulares dos dois fácies confirma, mesmo apenas em termos absolutos, a grande importância do retoque abrupto no Solutrense superior levantino e o seu reduzido significado no Solutrense superior cantábrico. Assim, em Cueto de la Mina, o índice perigordense é de 1,7% na camada F e de 6,2% na camada E, e em Altamira (colecção Obermaier), de 4,24% (ALTUNA: STRAUSS op. cit., v. nota 16, p. 177); em Cueva de Ambrosio, pelo contrário, o referido índice aumenta de forma significativa, atingindo (com a inclusão, conforme o próprio Fullola-Pericot defende dever ser feito - op. cit., p. 236, das lâminas e pontas de dorso e cran entre à utensilagem de bordo abatido) os 17,29% (RIPOLL-PERELLÓ, E., Excavaciones en Cueva de Ambrosio. "Ampurias", XXII-XXIII, pp. 31-48, Barcelona, 1960-1961).

contraste entre estes dados e os do correspondente índice do grupo perigordense (0,54%), por um lado, e os valores dos índices de utensílios solutrenses (28,53%) e de utensílios com retoque plano (39,56%), por outro, que se verificam em Vale Almoinha.

Esta comparação detalhada com as mais importantes estações solutrenses mediterrânicas confirma assim a impossibilidade de incluir o Vale Almoinha no fácies levantino; impossibilidade que resultaria aliás, desde logo, da confrontação das suas características principais com a definição geral do referido fácies inicialmente dada por Jordá Cerdá em 1955: "As bases convexas são escassas e parecem encontrar-se sempre unidas às perdurações proto-solutrenses próprias das primeiras etapas. Mas o mais notável do Solutrense ibérico é a sua tendência para a produção do pedúnculo, que sabemos própria da primeira fase. Muito rapidamente estas primeiras pontas pedunculadas transformam-se e adquirem aletas, formando assim um tipo definitivo que terá grande êxito em posteriores etapas culturais" ⁴⁵.

O paralelo que não encontrámos no Mediterrâneo, vamos porém encontrá-lo, na mesma obra de Jordá 46, na região cantábrica, cujo Solutrense caracteriza pela abundância das peças de base convexa e pela presença das bases côncavas, exclusivo da Cantábria e da região subpirenaica de França, para onde terão sido exportadas a partir daquela região do norte de Espanha. A sequência, toda ela equivalente ao Solutrense superior francês, seria a

seguinte 47:

Solutrense cantábrico I — Perdurações proto-solutrenses; tipos bifaciais de base convexa; aparecimento de tipos romboidais.

Solutrense cantábrico II — Pontas à cran de talhe bifacial; apogeu dos

tipos romboidais.

Solutrense cantábrico III — Introdução das pontas de base côncava; pontas à cran.

Solutrense cantábrico IV — Apogeu das pontas de base côncava; pontas à cran; escassez de tipos foliáceos.

Num trabalho mais recente, realizado porém sob a orientação e com a aprovação geral do mesmo Jordá, M.ª Soledad Corchón revê parcialmente este esquema, dando-lhe a estrutura que procurámos sistematizar no quadro II 48.

O facto de em Vale Almoinha as únicas pontas à cran serem de tipo simples podia indicar um paralelo com a fase evoluída do Solutrense médio santanderino, representado pela estação de El Pendo, onde aparece pela primeira vez na região este tipo solutrense. O carácter evoluído das suas peças de base convexa, sem exemplares que apresentem a face dorsal carenada, o florescimento de subtipos das folhas de loureiro, onde já aparecem as bases

⁴⁵ JORDÁ CERDÁ — op. cit., (v. nota 30), pp. 214-215.

⁴⁶ ID. — ibid, pp. 213-214.

⁴⁷ ID. — *ibid*, pp. 177-180 e 183.

⁴⁸ CORCHÓN, M. Soledad — El Solutrense en Santander, Institución Cultural de Cantabria, Diputación Provincial de Santander, Santander 1971, pp. 59-62, 129-130, 149-150, 156-157, 165-169.

QUADRO II — EVOLUÇÃO DO SOLUTRENSE DE FÁCIES CANTÁBRICO (segundo CORCHÓN, 1971)

ETAPAS DO SOLUTRENSE CANTÁBRICO	FASES DO SOLUTRENSE EM SANTANDER	еятаçоеѕ-про	EQUIVALÊNCIA EM JORDÁ, 1955	PARALELOS CRONOLÓGICOS EM FRANÇA
1.ª etapa – Pontas romboidais; tendência para o desenvolvimento de pedunculações nos tipos foliáceos e em raspadeiras; folhas de loureiro de base	Solutrense inicial — Pontas de base convexa unifaciais com a face dorsal carenada; pontas romboidais bifaciais e assimétricas; folhas de loureiro típicas de perfil espesso e retoque tosco; fortes perdurações gravettenses e aurignacenses	Hornos de la Peña Cobalejos	Solutrense Cantábrico I	Solutrense médio
convexa; pontas de Badegoule	Solutrense médio — Pontas de base convexa bifaciais com a face dorsal carenada; pontas de base recta tendente para côncava; pontas à cran de tipo simples (numa fase final)	Camargo (Solutrense médio arcaico) El Pendo (Solutrense médio evoluído)	Solutrense Cantábrico II	Solutrense superior e final
2.ª etapa — Aparecimento das pontas de base côncava e das pontas à cran	Solutrense superior inicial — Pontas carenadas unifaciais e bifaciais de base convexa mais evoluídas; todos os tipos de pontas foliáceas: rectas, côncavas, romboidais (algumas com pedúnculo rudimentar), à cran (simples e	El Castillo (escavações Obermaier e Carballo) La Pasiega (escavações Carballo)	Solutrense Cantábrico III	m revents r
	elaboradas), etc., folhas de salgueiro clássicas	Altamira (escavações Alcalde del Rio) Cueva Morin (escavações Carballo)	Solutrense Cantábrico IV	Magdalenense I e II
	Solutrense superior final — Pontas à cran simples com pedúnculo axial; pontas à cran com pequena cabeça triangular e pedúnculo robustissimo; microlitização do instrumental; ressurgimento do retoque abrupto; influências magdalenenses.	Altamira (escavações Obermaier) Cueva Morin (1966-68)	on tomber the control of the control	neiro cussuras, neiro properior miscolore mac mantiferada da mples, como

côncavas, tanto simétricas como assimétricas, e a presença de folhas de salgueiro clássicas, traços distintivos da tipologia solutrense de Vale Almoinha, porém, leva-nos a aproximá-la sobretudo das estações mais antigas do Solutrense superior inicial de Corchón, equivalente ao Solutrense cantábrico III de Jordá (que este define aliás como a fase de apogeu deste fácies regional), em particular da de La Pasiega, onde as pontas à cran continuam a ser de tipo simples, como as de El Pendo, e onde tão-pouco está representado o tipo elaborado, semelhantemente ao que se passa em Vale Almoinha.

Em La Pasiega, com efeito, as folhas de loureiro de base convexa predominam, sendo por outro lado, na sua maioria, de tipo clássico, verificando-se em apenas três casos a existência do dorso carenado, com características muito evoluídas porém; as pontas de base côncava são assimétricas, tal como as folhas de salgueiro; as pontas à cran parecem "enraizar-se na tradição das etapas médias do Solutrense", apresentando "um retoque algo tosco, limitado ao bordo da face superior da peça". O resto da utensilagem é composto por lâminas retocadas, algumas com entalhes laterais (num caso aproximando-se da lâmina estrangulada aurignacense); os buris são diedros direitos, de ângulo sobre fractura, e também sobre truncatura retocada. As raspadeiras são sobre lâmina, e, num caso, "de retoque e estrutura aurignacense" 49.

As poucas peças pedunculadas que existem em Vale Almoinha, por outro lado, enquadram-se perfeitamente na "tendência para a pedunculação" que vimos já manifestar-se no Solutrense cantábrico desde as suas origens. No trabalho de Corchón encontramos assim uma raspadeira solutrense com espigão em El Pendo 50, e outra com *cran* lateral em Cueva Morín (colecção Carballo 1923) 51; o rudimentar pedúnculo da folha de loureiro 983.302.57, por seu lado, foi provavelmente obtido a partir de uma ponta romboidal, isto

é, de forma idêntica à utilizada nas estações cantábricas.

A pedunculação não é de facto exclusiva do Solutrense levantino, verificando-se até também em França, onde Smith a caracteriza como "uma espécie de moda" afectando as "peças foliáceas e mesmo outros tipos de utensílios" que influenciou uma parte do Solutrense médio e superior ⁵²; aquilo que nesse fácies regional parece realmente verificar-se de forma exclusiva é a sua abundância, que se verifica logo na fase média, e posterior evolução para o tipo com aletas.

Desta rápida volta pelas estações peninsulares resulta assim provado, em nossa opinião, o estreito parentesco de Vale Almoinha com o grupo de estações que em Espanha foi definido como formando um fácies regional próprio, limitado ao norte do país; sendo assim, não vemos então qualquer razão para não considerar da mesma forma a indústria de Monte da Rainha, deste modo se estabelecendo de maneira fundamentada a coexistência no nosso país de

⁴⁹ ID. — *ibid*, pp. 140-143.

 ⁵⁰ ID. — *ibid*, p. 139 e estampa VIII, n.º 13.
 51 ID. — *ibid*, p. 148 e estampa XIV, n.º 4.

⁵² SMITH — op. cit., (v. nota 15), p. 53.

indústrias solutrenses ligadas tanto à tradição mediterrânica como à tradição cantábrica.

7. Comparação com as estações clássicas francesas

As conclusões a que acabamos de chegar impõem assim, por outro lado, a comparação com as indústrias do Sudoeste francês, suposto centro difusor a partir do qual o Solutrense teria chegado à região cantábrica. E, em primeiro lugar, com o abrigo de Laugerie-Haute, cuja estratigrafia serviu de base à elaboração das sequências solutrenses francesas; o termo de comparação serão os níveis considerados como Solutrense superior, horizonte onde, pela presenca de pontas à cran, não poderia deixar de ser integrada, por definição, a indústria de Vale Almoinha 53.

No lado Oeste do abrigo, por cima de duas camadas consideradas transicionais (9 e 8), surge o primeiro nível que é atribuído ao Solutrense superior, o nível 7, atribuição que é feita, apesar da inexistência de pontas à cran e de folhas de salgueiro (fósseis directores do Solutrense superior em França), devido ao aparecimento, pela primeira vez na sequência estratigráfica, das raspadeiras solutrenses. A mesma situação repete-se nas camadas sobrejacentes, sendo a raridade das pontas à cran em Laugerie-Haute Oeste explicada por Smith em função da pequenez das amostragens 54; assim, será só no nível 2 que aparecerá a primeira daquelas peças que, no entanto, é já de tipo elaborado.

No lado Leste, pelo contrário, o Solutrense superior começa bruscamente e não revela nenhum dos níveis ambíguos e transitórios que Smith supôs existirem a Oeste. Assim, na camada 28, as pontas à cran representam já 5,33% da utensilagem, e pertencem, por outro lado, ao subtipo C, com retoque plano elaborado, o que, segundo Smith, indica "que o Solutrense superior chegou a Laugerie-Haute num estado já bastante avançado, uma vez que (...) existem factos noutras estações que mostram que Peyrony tinha razão ao supor que no Sudoeste da França as pontas à cran aperfeiçoadas derivam de tipos mais simples". Como esta evolução dos tipos simples para os elaborados não existe no abrigo nem a Leste nem a Oeste, Smith conclui que "as primeiríssimas fases do Solutrense superior não estão provavelmente representadas em Laugerie-Haute" 55.

Paralelos mais próximos para Vale Almoinha, onde, como sabemos, apenas existem pontas à cran de tipo simples, teriam que ser assim procurados nessas outras estações representativas das tais "primeiríssimas fases" do Solutrense superior. Ora, nota Smith haver "notáveis semelhanças entre os gráficos cumulativos de: a) o Solutrense do terraço inferior do Fourneau du Diable; b) os níveis do Pech de la Boissière mas sobretudo a camada I; c) o nível B dos Jean-Blancs (e a um nível menor o D, situado mesmo por cima), escavações Chastaing-Bouyssonie. Em todos os casos, além disso, as pontas de

⁵³ ID. — *ibid*, p. 24.

⁵⁴ ID. — *ibid*, p. 143. ⁵⁵ ID. — *ibid*, p. 127.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

face plana ainda estão presentes, as pontas à cran são raras e simples, há uma fraca proporção de folhas de loureiro, e as folhas de salgueiro fazem uma tímida aparição (...) Por outras palavras, estamos perante a parte mais antiga do Solutrense superior, no momento em que pontas à cran e folhas de salgueiro acabam de fazer a sua aparição" ⁵⁶. Os níveis 28-27 de Laugerie-Haute Leste e 8 (?), 7 e 6 de Laugerie-Haute Oeste poderiam igualmente situar-se neste horizonte, afirma ainda Smith ⁵⁷, embora seguramente como seu momento mais evoluído, sob pena de contradição com a hipótese para que o vimos já inclinar-se mais acima, de que, neste abrigo, tais fases não estariam provavelmente representadas.

A súmula de características aqui apontada por Smith poderia aplicar-se, palavra por palavra, à indústria de Vale Almoinha. A comparação dos gráficos cumulativos e dos índices tipológicos (figs. 14, 15, 16 e 17) mais não faz do

que reforçar as conclusões da confrontação descritiva.

Assim, o índice de raspadeiras varia neste grupo de estações entre os 13,32% de Laugerie-Haute Leste 28 e os 44,48% do Fourneau du Diable (terraço inferior), sendo o valor mais próximo dos 24,81% de Vale Almoinha os 21,83% do Pech de la Boissière I. O índice de buris varia entre os 0% de Laugerie-Haute Oeste 7 (numa amostragem muito pequena porém — cinquenta e quatro utensílios) e os 16,17% dos Jean-Blancs B, sendo os valores mais próximos dos 4,79% de Vale Almoinha os 4,34% de Lauregie-Haute Oeste 6 (mas numa amostragem igualmente muito pequena), e, em amostragens maiores, os 2,6% de Laugerie-Haute Oeste 8 e os 8,67% de Laugerie-Haute Leste 27; em todas as estações (com excepção das pequenas amostragens dos Jean--Blancs B e de Laugerie-Haute Leste 28) os buris diedros ultrapassam claramente os buris sobre truncatura, os quais não existem sequer tanto no Vale Almoinha como em Laugerie-Haute Oeste 7 e 6. O índice de perfuradores é igualmente sempre baixo, como em todo o Solutrense, sendo o extremo inferior da distribuição constituído pelo valor de Vale Almoinha (0,53% - próximo dos 0,80% do Fourneau du Diable); os índices de raspadores e de entalhes/denticulados, finalmente, tão-pouco se afastam dos valores verificados neste conjunto de estações francesas.

Por outro lado, se excluirmos os extremos constituídos pelos Jean-Blancs B, Laugerie-Haute Oeste 6 e Laugerie-Haute Leste 28, devido às reduzidas dimensões das amostragens, e não considerando o nível 8 de Laugerie-Haute Oeste, que Smith vimos já definir como transicional entre o Solutrense médio e o superior, os índices solutrenses são praticamente idênticos, variando entre os 27,11% do Pech de la Boissière I e os 29,63% de Laugerie-Haute Oeste 7, passando pelos 28,53% de Vale Almoinha. As comparações tipo a tipo dentro

⁵⁶ ID. — ibid, p. 268, sublinhados nossos. Desconhecemos por que razão terá Smith qualificado de "fraca" a proporção de folhas de loureiro que é, de resto, efectivamente semelhante nestes níveis, e próxima da verificada em Vale Almoinha. Contraditoriamente, com efeito, considera noutro lado as folhas de loureiro do terraço inferior do Fourneau du Diable (26%) como sendo "muito numerosas" (p. 230).

⁵⁷ ID. — ibid.

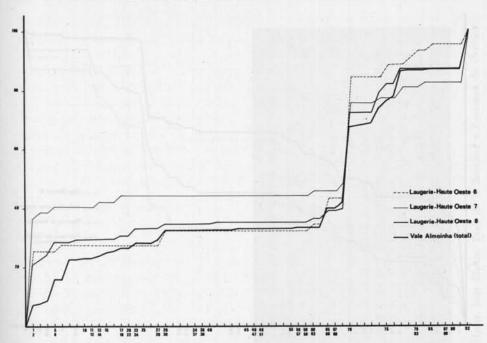


Fig. 14 — Gráficos cumulativos comparados — Vale Almoinha e camadas do Solutrense superior inicial de Laugerie-Haute Oeste.

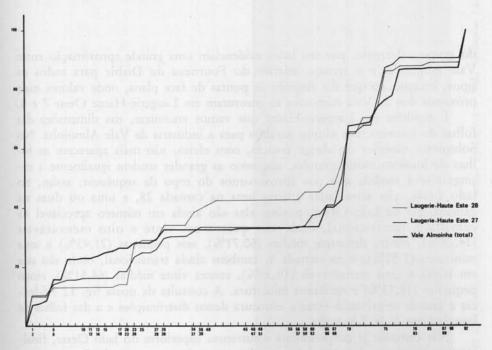


Fig. 15 — Gráficos cumulativos comparados — Vale Almoinha e estações do Solutrense superior inicial de Laugerie-Haute Este.

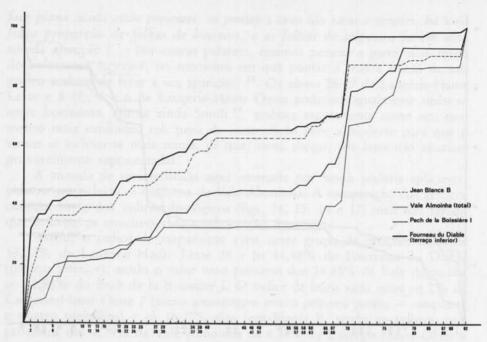


Fig. 16 — Gráficos cumulativos comparados — Vale Almoinha e estações do Solutrense superior inicial do Sudoeste francês.

do grupo solutrense, por seu lado, evidenciam uma grande aproximação entre Vale Almoinha e o terraço inferior do Fourneau du Diable para todos os tipos, excepto no que diz respeito às pontas de face plana, onde valores mais próximos dos de Vale Almoinha se encontram em Laugerie-Haute Oeste 7 e 8.

É também em Laugerie-Haute que vamos encontrar, nas dimensões das folhas de loureiro, um último paralelo para a indústria de Vale Almoinha. No Solutrense superior do abrigo francês, com efeito, não mais aparecem as folhas de loureiro muito grandes, enquanto as grandes tendem igualmente a extinguir-se à medida que nos aproximamos do topo da sequência; assim, no lado Leste, são assinaladas apenas uma na camada 28, e uma ou duas na camada 23; no lado Oeste, porém, elas são ainda em número apreciável na camada 9, transicional, onde são quatro em vinte e oito mensuráveis (14,28%), contra dezassete médias (60,71%), seis pequenas (21,43%) e uma miniatura (3,51%), e na camada 8, também ainda transicional, onde são seis em trinta e uma mensuráveis (19,35%), contra vinte médias (64,51%), cinco pequenas (16,13%) e nenhuma miniatura. A consulta da nossa fig. 12 evidencia a grande semelhança entre a estrutura destas distribuições e a das folhas de loureiro em Vale Almoinha.

Nas camadas já propriamente solutrenses superiores do lado Oeste, finalmente, aparecem duas ou três grandes em quinze na camada 7 e uma em dezanove na camada 6; daí para cima, só na camada 4 e na camada 2 surgem

1	Número de utensilios	Indice de raspadeiras	Indice de buris	Indice de buris diedros	Indice de buris sobre truncatura	Indice de perfura- dores	Indice de entalhes e denticulados	Indice de raspadores	Indice	Pontas de face plana	Folhas de Ioureiro	Folhas de salgueiro	Pontas à cran
Fourneau du Diable	1012	44,48	15,10	7,50	6,30	08'0	0,20	0,20	27,20	0,20	26,00	06,0	0,10
(terraço inferior) Pech de la Boissière I	760	21,83	15,93	8,75	4,03	2,35	+,71	7,46	27,11	7,99	17,99	0,13	1,70
Iean-Blancs B	89	39.69	16.17	4,41	5,88	2,94	-	1	17,65	1	17,65	T	1
angerie-Haute Este 28	75	13,32	13,32	5,33	99'9	1,33	16,00	1,33	22,65	99'9	10,66		5,33
angerie-Haute Este 27	196	16.83	8,67	5,61	2,55	3,06	19,38	2,55	27,03	8,16	16,32	1	2,55
augerie-Haute Oeste 8	153	29,40	2,60	1,30	0,65	1,96	08'6	5,23	32,68	0,65	32,68	1	1
augerie-Haute Oeste 7	54	42,59	1	1	1	1	1	3,70	33,63	1,85	27,78	1	1
augerie-Haute Oeste 6	46	28,25	4,34	4,34	1	1	4,35	2,17	41,34	1	41,34	1	1
Vale Almoinha (total)	375	24.81	4.79	4.26	1	0.53	7.47	8.53	28.53	1.87	25.60	0.53	0,53

Fig. 17 — Quadro comparativo de índices tipológicos — Vale Almoinha, Laugerie-Haute, Jean-Blancs, Pech de la Boissière e Fourneau du Diable.

dois ou três exemplares talvez incluíveis nessa categoria, sendo todas as folhas de loureiro, até ao topo do preenchimento, deste lado, de tamanho médio e pequeno, com uma miniatura na camada 1 s8.

Note-se, porém, que no terraço inferior do Fourneau du Diable são ainda assinaladas "algumas peças bastante grandes", e que, no Pech de la Boissière I, pelo menos uma folha de loureiro está classificada no subtipo J 59.

Deste modo, tal como já vimos em relação às pontas à cran, também no que respeita às dimensões das folhas de loureiro a indústria de Vale Almoinha é equiparável ao momento inicial do Solutrense superior francês, ao arranque da tendência que, neste último aspecto, se vai traduzir pelo predomínio de formas mais pequenas e lanceoladas nas fases plenas desta etapa.

8. Elementos para uma reavaliação do Solutrense português

O pequeno estudo comparativo que acabamos de expor, leva-nos assim a uma conclusão idêntica àquela a que chegámos após a análise das estações cantábricas. O Solutrense de Vale Almoinha representa um momento da evolução interna deste complexo cultural extremamente preciso: aquele em que no respectivo instrumental lítico acabam de ser introduzidas duas novas aquisições técnicas, a ponta à cran e a folha de salgueiro. A inexistência de sequências geocronoestratigráficas e culturais para o Paleolítico Superior português, porém, impede-nos de levar mais longe os paralelos e comparações que evidenciámos e estabelecemos, os quais, entre estações geograficamente tão distantes, não podem pretender colmatar tão grande lacuna nos nossos conhecimentos.

Será talvez possível afirmar que a indústria de Monte da Rainha representaria um momento anterior, sem pontas à cran, da evolução do Solutrense de fácies cantábrico no nosso país. As características excepcionais dessa estação, porém, dificultam enormemente a sua análise, pelo que o mais prudente é afirmar que continuamos a desconhecer completamente o que se passou no Solutrense português antes e depois desse momento de enriquecimento técnico representado pela indústria de Vale Almoinha, e, portanto, em que fase da sua evolução interna se situa ele.

A questão torna-se ainda mais complicada se entrarmos em linha de conta com a teoria da diferenciação do Solutrense peninsular em dois fácies regionais bem distintos, defendida pelos pré-historiadores espanhóis. Parece-nos ter ficado cabalmente provado que tanto o Vale Almoinha como o Monte da Rainha devem ser integrados no fácies cantábrico, enquanto que parece ser não menos indubitável a atribuição de Casa da Moura, Furninha e Salemas (esta última talvez já na fase Solutreo-gravettense) ao fácies mediterrânico, coexistindo portanto em Portugal os dois fácies. Vimos já como, tendo chegado a idêntica conclusão, M. Heleno se apressou a negar pura e simplesmente a

⁵⁸ ID. — *ibid*, pp. 86-91.

⁵⁹ ID. — *ibid*, p. 230 e fig. 39, n.º 7.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

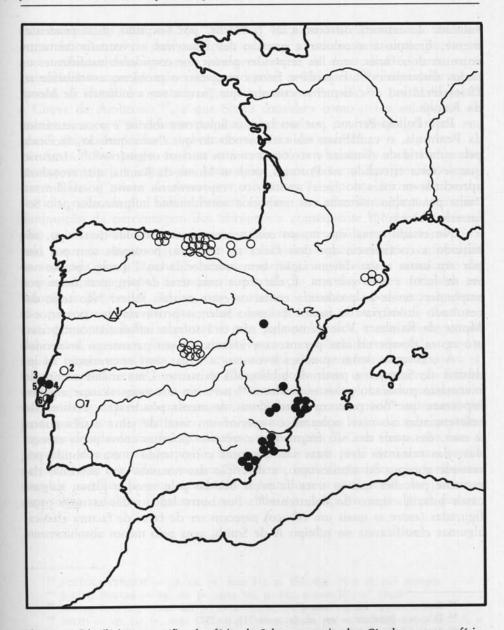


Fig. 18 — Distribuição geográfica dos fácies do Solutrense peninsular. Círculos negros — fácies levantino; círculos brancos — fácies cantábrico; triângulo — gravuras rupestres solutrenses ou magdalenenses do Mazouco. 1 — Mazouco; 2 — Gruta do Caldeirão; 3 — Gruta da Furninha; 4 — Gruta da Casa da Moura; 5 — Vale Almoinha; 6 — Gruta das Salemas; 7 — Monte da Rainha (segundo Jordá, 1955, adaptado e modificado).

validade da referida diferenciação. J. Roche, por seu lado, mais prudentemente, limitou-se a colocar a questão das fronteiras e eventuais contactos entre os dois fácies, sem lhe responder porém por considerar insuficientes os dados disponíveis ⁶⁰. E Jordá e Fortea resolviam o problema assimilando ao fácies levantino esse elemento estranho que parecia ser a indústria de Monte da Rainha.

Para Fullola-Pericot, por seu lado, o Solutrense ibérico é o característico da Península, o cantábrico mais não sendo do que "uma intrusão, facilitada pela similaridade climática e ecológica com os núcleos originários" ⁶¹. Intrusão que se teria estendido até Portugal, onde o Monte da Rainha, que reconhece aproximar-se mais do fácies cantábrico, representaria muito possivelmente "uma penetração nortenha em territórios normalmente influenciados pelo Solutrense ibérico" ⁶².

No estado actual dos nossos conhecimentos, uma atitude deste tipo, admitindo a coexistência dos dois fácies no território português sem por isso pôr em causa a sua diferenciação, bem estabelecida em Espanha, parece-nos ser de facto a mais correcta. É claro que uma série de perguntas ficam por responder: ter-se-ão produzido contactos entre os dois fácies? Não terão daí resultado indústrias de fusão? E sendo Salemas provavelmente posterior a Monte da Rainha e Vale Almoinha, não terá sofrido influências cantábricas, até agora desapercebidas perante a evidência do seu parentesco levantino?

A colocação destas questões levou-nos a tentar uma reapreciação da indústria de Salemas a partir da bibliografia existente. Uma análise atenta do inventário publicado pelos escavadores ⁶³ permitiu-nos assim avançar algumas hipóteses que nos parecem merecedoras de atenta ponderação. Assim, são referenciadas ao nível solutrense superior um total de vinte e três pontas à cran, das quais dez são fragmentos e três são descritas como peças esboçadas; das restantes dez, duas são descritas como tendo o cran obtido por retoque abrupto ou semiabrupto, a descrição das restantes oito deixando claramente perceber que se trata de peças obtidas pelo retoque plano, nalguns casos bifacial, típico do Solutrense ⁶⁴. Por outro lado, todas as nove peças figuradas (entre as quais um esboço) parecem ser de facto de factura clássica, algumas classificáveis no subtipo A de Smith, uma pelo menos absolutamente

⁶⁰ ROCHE — op. cit. (v. nota 29).

⁶¹ FULLOLA-PERICOT — op. cit. (v. nota 31), p. 252.

⁶² ID. — ibid., p. 146.

⁶³ ROCHE, J.; FRANÇA, J. Camarate; FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G. — Le Paléo-lithique Supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa). "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", XLVI, 1962, pp. 187-207.

^{64 &}quot;Uma ponta inteiramente retocada na face dorsal", "duas pontas cujas duas extremidades estão apontadas por finos retoques bifaciais"; "uma ponta muito finamente retocada nas duas faces"; "duas pontas de pedúnculo largo e apontado por levantamentos seja bifaciais seja sobre a face de lascagem"; "uma peça apontada nas duas extremidades — o pedúnculo por retoques na face de lascagem e a ponta no lado dorsal"; "uma peça do mesmo tipo com a ponta também retocada na face de lascagem".

característica do subtipo C (n.º 6 da fig. 4), a maioria representando estádios intermédios entre os dois subtipos; o que é absolutamente certo, porém, é que nenhuma delas apresenta qualquer espécie de dorso; isto é, nenhuma é assimilável ao tipo levantino designado pelos pré-historiadores espanhóis como "punta de dorso con escotadura", encontrado em Parpalló 65, Les Mallaetes 66 e Cueva de Ambrosio 67, e que Smith considera como o seu subtipo D de pontas à cran: "geralmente pequenas, apresentam um retoque abrupto em grande parte da periferia, sobretudo na zona do cran" 68.

Se o nosso ponto de vista está correcto, resulta então inaceitável, e até incompreensível, a integração destas vinte e três peças no tipo primário laplaciano PDc. ("punta de dorso com escotadura" - ponta à cran de bordo abatido) realizada por Fullola-Pericot. O que, para além de implicar uma clara diminuição da percentagem dos abruptos e consequente subida dos planos, com o correspondente questionamento da interpretação cronológica proposta pelo autor (momento de transição para o Solutreo-gravettense) e confirmação da avançada por J. Roche (Solutrense superior), impõe ainda a reavaliação do posicionamento global da indústria em relação aos dois fácies definidos no Solutrense peninsular. Assim, por um lado, as pontas de pedúnculo e aletas não parecem deixar dúvidas quanto aos laços com as estações do Levante; mas, por outro lado, as pontas à cran de tipo clássico, tanto simples como elaboradas, apontam inequivocamente para a existência de afinidades com a região franco-cantábrica. De facto, embora elas também existam, como já vimos, no Solutrense superior de Parpalló, constituem uma proporção ínfima do panorama das pontas à cran, totalmente dominado pelos tipos mediterrânicos, e desaparecem completamente no Solutreo-gravettense 69: o mesmo se passa na Cueva de Ambrosio, onde uma só das peças figuradas parece poder ser considerada de morfologia clássica, tipo simples ⁷⁰. Com efeito, não fora a presença das pontas de pedúnculo e aletas e este nível de Salemas podia perfeitamente ser tido como um Solutrense final de tipo franco-cantábrico, com ele partilhando uma característica definidora: o predomínio das pontas à cran sobre as folhas de loureiro (não sendo a presença de quatro peças pedun-

⁶⁵ FULLOLA-PERICOT — op. cit. (v. nota 31), p. 157, figs. 15 a 18, por exemplo.

⁶⁶ JORDÁ; FORTEA — op. cit. (v. nota 36), p. 148, estrato III, n.º 19-23. 67 RIPOLL-PERELLÓ — op. cit. (v. nota 44), p. 37, peças F, G, H, I, J, K.

⁶⁸ SMITH - op. cit. (v. nota 15), p. 54; note-se ainda, por outro lado, que o facto de o cran ser obtido por retoque abrupto ou semiabrupto em pontas do sub tipo A que até, por vezes, apresentam, de resto, um retoque bifacial plano parcial, como acontece em Salemas nalguns casos, se verifica igualmente em França (SMITH, op. cit., (v. nota 15), fig. 53, n.º 5, 6 e 7), e não pode de forma alguma, por si mesmo, ser tido como indicador de parentescos levantinos.

⁶⁹ Com efeito, entre 4,75 e 5,25 m (Solutrense superior), temos, como já mais acima foi referido, 2 de tipo clássico contra 40 de tipo mediterrânico; entre 4,50 e 4,75 m (Solutrense superior segundo L. Pericot e Jordá-Fortea, Solutreo-gravettense segundo Fullola-Pericot), 1 de tipo clássico contra 70 de tipo mediterrânico; entre 4 e 4,5 m (Solutreo-gravettense), nenhuma de tipo clássico contra 158 de tipo mediterrânico.

⁷⁰ RIPOLL-PERELLÓ — op. cit. (v. nota 44), p. 37, peça M.

culadas contraditória com esta atribuição, dado, como já vimos, poder apare-

cer no Solutrense do Norte de Espanha).

O mais perturbante, porém, é que, apesar do que acabámos de dizer, é verdade que as pontas de tipo mediterrânico parecem estar representadas de facto em Salemas, embora não no nível descrito como solutrense superior, mas sim naquele que é designado como perigordense! O n.º 2 da fig. 7 do inventário que vimos comentando, que é descrito pelos autores como "lamelle à dos et cran proximal", parece com efeito ser em tudo semelhante às "puntas de dorso con escotadura", e mais precisamente ao tipo A da classificação de Ripoll-Perelló ⁷¹. A ser assim, porém, haveria que questionar a integração cultural dos materiais do nível de Salemas até hoje designado como perigordense, cuja tipologia, não sendo por um lado exclusiva deste horizonte, tão-pouco é, por outro, incompatível com um Solutrense superior levantino (o qual ficaria perfeitamente definido, aliás, com a inclusão das tais pontas de pedúnculo e aletas que estariam "a mais" no nível sobrejacente ⁷² ...) ou com um Solutreo-gravettense.

Admitindo a correcção destas observações, porém, somos levados a constatar que os níveis de Salemas parecem assim apresentar uma contradição clara entre estratigrafia e tipologia. Baseando-nos apenas na bibliografia torna-se no entanto difícil e imprudente até tentar resolver a contradição por qualquer dos dois lados, estando pois limitados, apenas, a tentar especular sobre possíveis modelos alternativos de explicação para os materiais de Salemas. Estando a estratigrafia correcta, será o nível do Solutrense superior uma das tais possíveis indústrias de fusão entre os dois fácies peninsulares? Neste caso, o nível inferior será de facto um Perigordense, não sendo então a peça cujos paralelos com as pontas à cran mediterrânicas apontámos senão um caso de convergência morfológica em indústrias totalmente diferentes? Ou terão existido em Salemas dois níveis solutrenses distintos, um final, de fácies franco-cantábrico, sobre outro superior, de fácies levantino? Serão os vários agentes de remeximento identificados pelos autores 73 os responsáveis por aquela contradição aparente entre estratigrafia e tipologia? Só uma revisão cuidada dos próprios materiais, que nos propomos realizar em próximo trabalho, permitirá talvez destrinçar entre o emaranhado de alternativas a que pode conduzir a aceitação da correcção das hipóteses que acabamos de enunciar.

O que nos parece de reter, de qualquer forma, é que é à luz dos novos dados fornecidos pela indústria de Vale Almoinha e suas nítidas filiações franco-cantábricas que deve ser feita a revisão de todos os nossos conhecimentos sobre o Solutrense português. Assim, no que respeita ao nível solutrense superior de Salemas, resulta pelo menos claro, em nossa opinião, que as suas

⁷¹ ID. — *ibid.*, fig. 8, p. 38.

⁷² Note-se porém que, das duas pontas de pedúnculo e aletas atribuídas ao nível Solutrense superior, uma provém dos níveis remexidos, sendo nele integrada por considerações de natureza tipológica. Cf. ROCHE — op. cit. (v. nota 29), p. 90.

ROCHE; FRANÇA; FERREIRA; ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 63), pp. 188-189.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

pontas à cran são de tipo clássico e não mediterrânico, o que abre novas perspectivas para a reavaliação tipológica e cultural da indústria na sua globalidade.

A eventual via de difusão do fácies cantábrico até à península de Lisboa não é por outro lado de difícil reconstituição. O vale do Tejo é, obviamente, sempre uma hipótese. Mas o nordeste português não deixa de constituir uma outra possível ponte de ligação com a região asturiana, extremo ocidental da ocupação solutrense no norte de Espanha. Note-se, aliás, que o argumento da similaridade climática e ecológica, invocado por Fullola-Pericot como fundamento da penetração na região cantábrica de um Solutrense originário do Sudoeste francês, é, com toda a probabilidade, igualmente válido para as terras altas do interior norte de Portugal. O glaciarismo würmiano na Serra da Estrela está hoje suficientemente documentado para ser indiscutível ⁷⁴, e não poderá deixar de ter induzido, nas regiões periféricas, um clima extremamente rigoroso, contrastando fortemente com a amenidade que J. Roche pensa ter caracterizado o Würm do litoral estremenho ⁷⁵.

A península de Lisboa pode ter assim representado o ponto de confluência de duas vias de difusão diferentes, uma vinda do Mediterrâneo pelo litoral sul (como viria a acontecer mais tarde com a cerâmica cardial), ou pelo vale do Tejo (como Roche pensa ter acontecido com o Mesolítico de Muge, para o qual encontra paralelos em La Cocina ⁷⁶), a outra vinda do Atlântico pelo Nordeste, através das Astúrias, e desembocando em território português pelo vale do Douro. Vale onde, por outro lado, foi recentemente revelada a existência de gravuras rupestres integráveis no ciclo franco-cantábrico do Paleolítico Superior, cujos descobridores afirmam não ser difícil inserir "numa posição intermédia entre os estilos III (Solutrense recente, Magdalenense antigo) e IV (Magdalenense médio e recente) de Leroi-Gourhan", embora se inclinem mais para "uma cronologia adentro do Magdalenense" ⁷⁷.

Os trabalhos que, desde 1979, temos vindo a realizar no vale do Nabão (que é, note-se, um afluente do Zêzere, a parte inicial de cujo vale é de morfologia tipicamente glaciar) para além de nos terem já fornecido abundantes indícios da vigência de um clima rigoroso de tipo periglaciar na região de Tomar durante a Würm final, possibilitaram-nos igualmente, durante a campanha do Verão de 1983, a descoberta de níveis solutrenses na Gruta do Caldeirão (os quais, numa primeira e falível abordagem — dado se tratar de uma amostra reduzida, apenas cinco peças — parecem porém indicar uma

⁷⁴ Sobre este assunto cf. LAUTENSACH, H. — Portugal na Época Glacial. Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1945.

 ⁷⁵ ROCHE, J. — Le climat et les faunes du Paléolithique Moyen et Supérieur de la Province d'Estremadura. "Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia", Coimbra, 1971, pp. 39-48.
 ⁷⁶ ROCHE, J. — L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge), Porto, 1951, espec. pp. 156-157. ID. Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal), Lisboa,

^{1960,} espec. p. 141.

77 Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). "Arqueologia", 3, Junho de 1981, pp. 3-12.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

certa aproximação ao fácies cantábrico); o que permite, por outro lado, esperar que, com a continuação dos trabalhos, se possam obter as respostas a pelo menos alguns dos problemas que colocamos neste artigo, fazendo alguma luz sobre esse desconhecido que continua a ser, até hoje, o Paleolítico Superior português.

Novembro de 1983/Janeiro de 1984

Post-Data

Encontrava-se já o presente artigo na tipografia quando tivemos conhecimento de que um certo número de peças provenientes de uma "estação solutrense de Cambelas" se encontrava na posse de O. da Veiga Ferreira, dos Serviços Geológicos de Portugal, que, muito amavelmente, colocou à nossa disposição, para estudo, esta sua pequena colecção particular.

Trata-se de um conjunto de nove peças, das quais, segundo informação do próprio O. da Veiga Ferreira, duas lhe terão sido dadas por Leonel Trindade, e sete terão sido recolhidas no sítio da própria estação aquando de uma visita efectuada cerca de oito a dez anos após a conclusão dos trabalhos

ordenados por M. Heleno.

Entre as primeiras incluem-se:

1 — uma folha de loureiro de base convexa, assimétrica, com retoque plano bifacial em bandas paralelas, apresentando uma linha de fractura transversal que a divide em duas partes aproximadamente iguais. Na face superior esta peça apresenta igualmente uma marcação a tinta-da-china (A III, seguida de uma espécie de asterisco entre parêntesis) semelhante e aparentemente feita pela mesma mão que marcou as peças conservadas no M.N.A.E. É pois provável que se trate de uma peça perdida acidentalmente pela equipa de M. Heleno no local, depois de marcada, entretanto encontrada por L. Trindade durante uma das suas visitas à escavação e por ele posteriormente oferecida a Veiga Ferreira. Sílex; 78 x 22 x 5 mm.

2 — uma folha de loureiro de base convexa, ligeiramente assimétrica, de dimensões miniatura, com retoque inacabado, sobretudo marginal, excepto na

ponta, retocada bifacialmente. Quartzo hialino; 24 x 8 x 3 mm.

Entre as segundas encontram-se:

3 — uma pequena folha de salgueiro com o bolbo parcialmente eliminado por retoque plano e algum retoque plano marginal na face inferior, dividida transversalmente por uma linha de fractura. Sílex; 44 x 15 x 4 mm.

4 — um fragmento mesial, dividido transversalmente por uma linha de fractura, de uma folha de loureiro do subtipo L com os bordos denticulados e

retoque plano bifacial elaborado, Sílex; ? x 16 x 3 mm.

5 — uma folha de loureiro de base convexa, assimétrica, com os bordos finamente denticulados. Sílex; 45 x 19 x 4 mm.

6 — uma peça inacabada, com a face inferior não retocada e um retoque plano paralelo no bordo direito da face superior, apresentando talão e bolbo conservados. Sílex; 40 x 19 x 4 mm.

7 — uma ponta de face plana do subtipo C, com base constituída por

fractura (por flexão?). Sílex; 44 x 16 x 5 mm.

8 — uma folha de loureiro, fracturada distalmente, de base convexa, assimétrica, com retoque plano elaborado na face superior, retoque plano marginal na face inferior com eliminação do bolbo e bordos finamente denticulados. Sílex; ? x 22 x 7 mm.

9 — uma folha de loureiro do subtipo K, fracturada distalmente, com retoque plano bifacial em bandas paralelas, base apontada e bordos quase parale-

los. Sílex; ? x 20 x 5 mm.

Com os dados actualmente disponíveis, tudo indica que estes materiais terão a mesma origem que os conservados no M.N.A.E. como oriundos de Vale Almoinha, hipótese que parece reforçada pela marcação existente sobre a primeira das peças que acabámos de descrever sumariamente. Do ponto de vista tipológico, trata-se, por outro lado, de peças que em nada contradizem, antes confirmam, o quadro definido a partir do espólio das escavações de M. Heleno. A única diferença importante entre os dois conjuntos é a significativamente menor espessura das peças da colecção Veiga Ferreira, e a maior perfeição e beleza da maioria delas; o que pode ser perfeitamente explicado por se tratar de uma série intencionalmente triada segundo esses critérios, como é lógico supor-se, dadas as próprias características dessa mesma série (colecção particular) ⁷⁸.

Abril de 1984

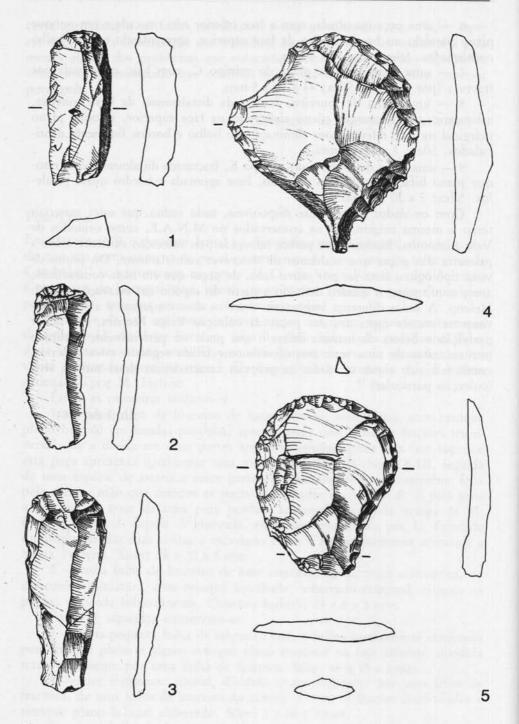


Fig. 19 — 1 a 3: raspadeiras simples, sobre extremo de lâmina; 4 e 5: raspadeiras solutrenses. Escala 1:1.

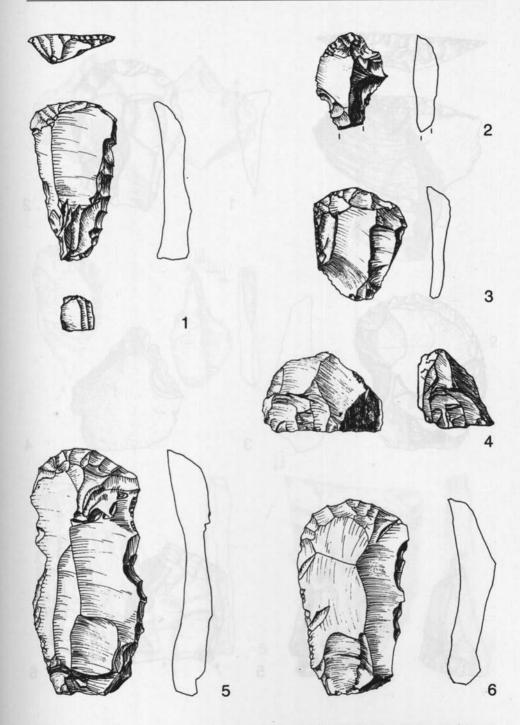


Fig. 20 — 1: raspadeira dupla; 2: raspadeira ogival pedunculada; 3: micro-raspadeira grimaldense; 4: raspadeira nucleiforme; 5 e 6: raspadeiras sobre lâminas retocada. Escala 1:1.

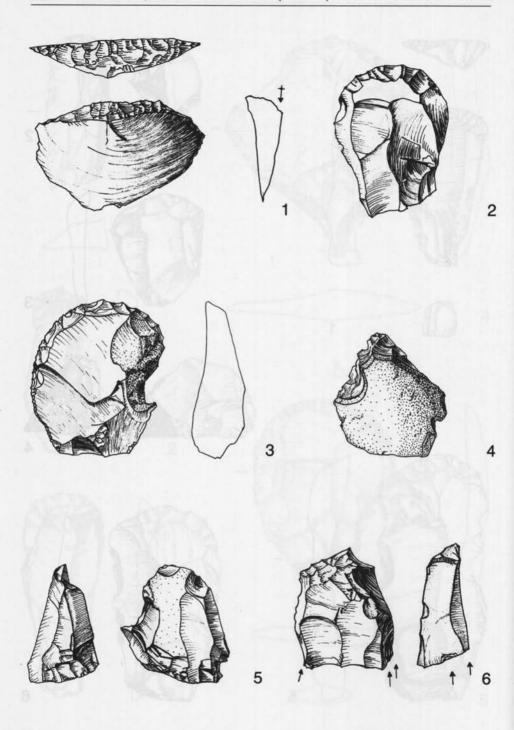


Fig. 21 — 1 e 2: raspadeiras sobre lasca; 3: raspadeira sobre lasca retocada; 4: raspadeira afocinhada espessa; 5: *rabot*; 6: raspadeira-buril. Escala 1:1.

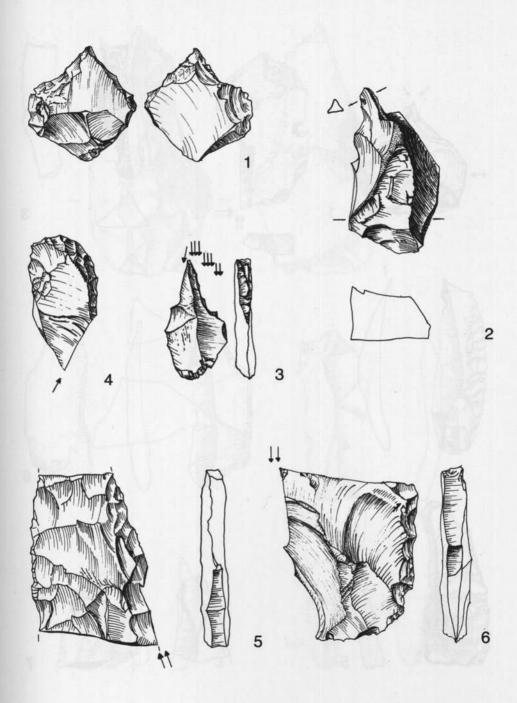


Fig. 22 — 1: perfurador; 2: perfurador atípico; 3: buril diedro direito; 4: raspadeira buril; 5 e 6: buris de ângulo sobre fractura. Escala 1:1.

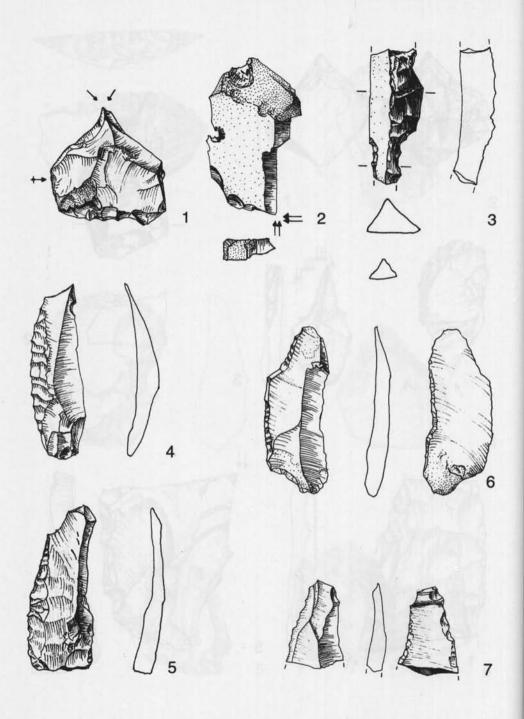


Fig. 23 — 1: buril diedro desviado; 2: buril diedro de ângulo; 3: peça à cran; 4 e 5: lâminas com retoque contínuo num bordo; 6 e 7: lâminas com retoque contínuo nos dois bordos. Escala 1:1.

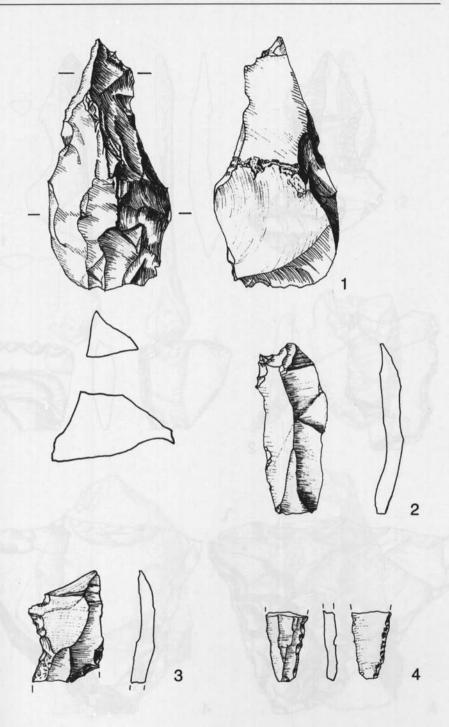


Fig. 24 — 1: pico; 2: entalhe em extremidade; 3: entalhe sob fractura; 4: lâmina com retoque contínuo nos dois bordos. Escala 1:1.

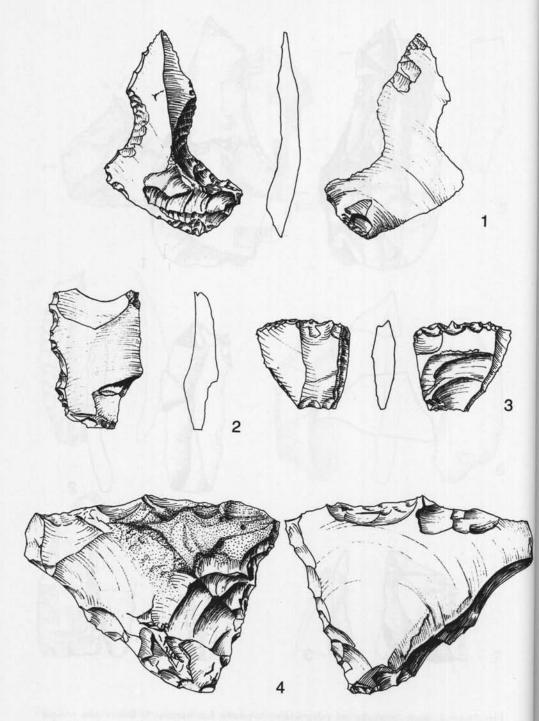


Fig. 25 — 1: entalhe; 2: denticulado; 3: pièce esquillée; 4: raspador. Escala 1:1.

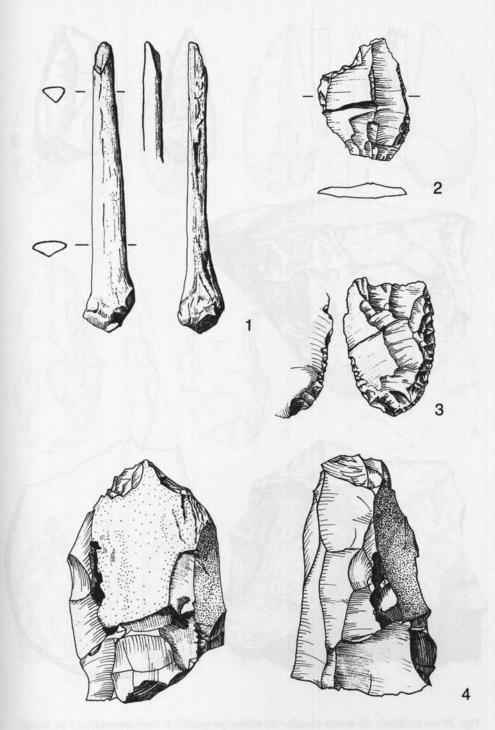


Fig. 26 — 1: punção (?); 2: raclette; 3: raspador; 4: núcleo piramidal. Escala 1:1.

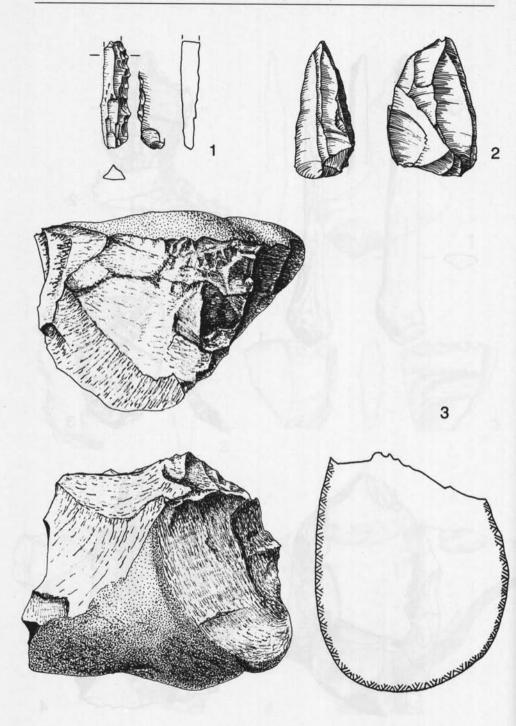


Fig. 27 — 1: lamela de bordo abatido; 2: núcleo piramidal; 3: "seixo-raspadeira" de técnica "languedocense". Escala 1:1.

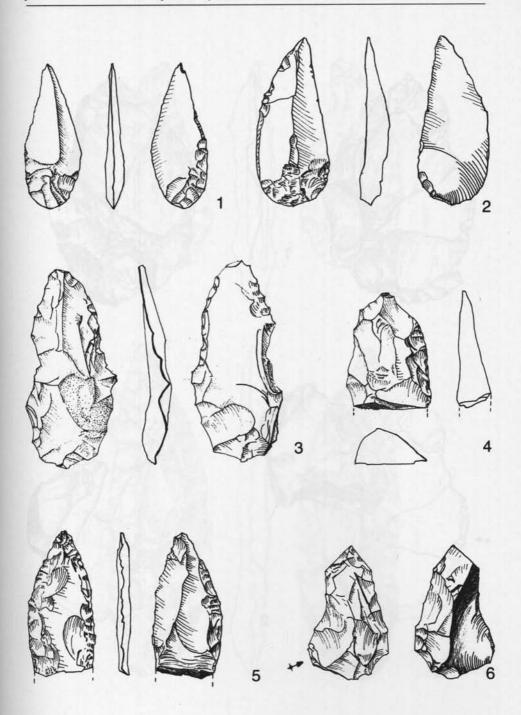


Fig. 28 — 1 a 5: pontas de face plana (4 e 5, subtipo A, 1 e 2, subtipo B, 3, subtipo C); 6: lasca de folha de loureiro. Escala 1:1.

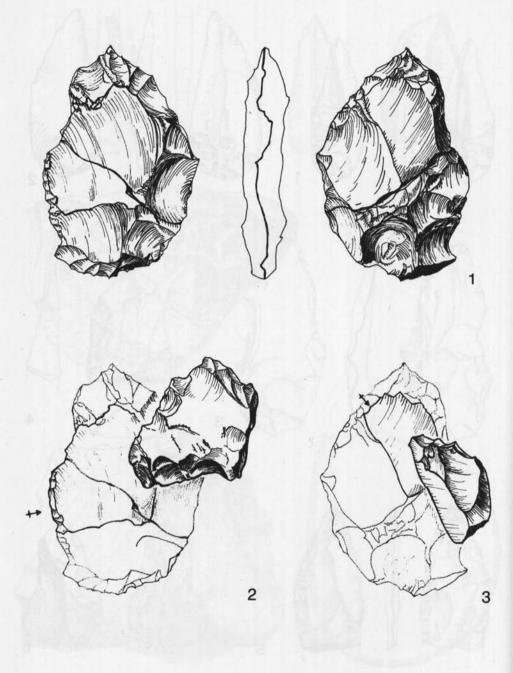


Fig. 29 — 1: esboço de folha de loureiro cujo talhe foi abandonado após fractura; 2 e 3: a mesma peça com lascas solutrenses extraídas da face superior e inferior, respectivamente. Escala 1:1.

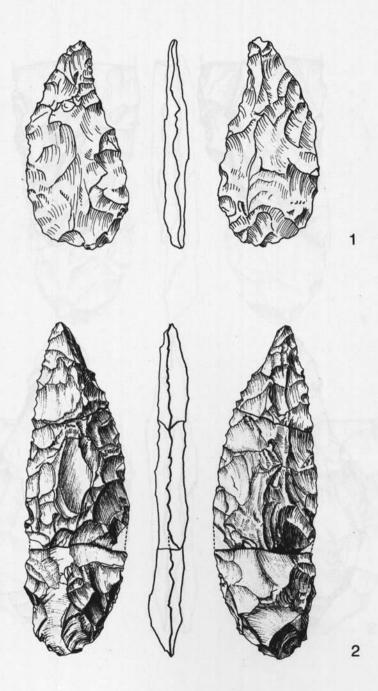


Fig. 30 — Folhas de loureiro, subtipo C. Escala 1:1.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

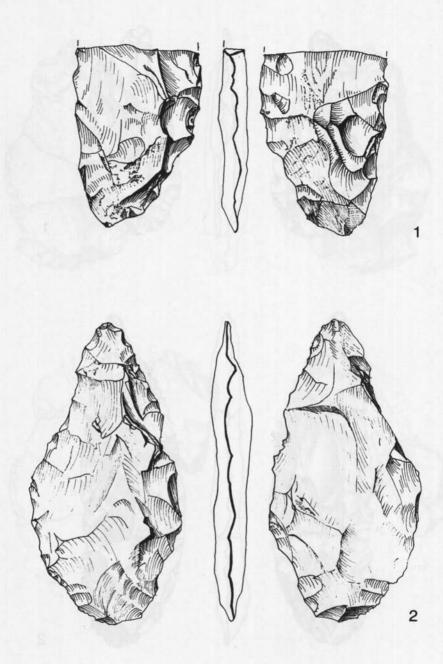


Fig. 31 — Folhas de loureiro, subtipo C. Escala 1:1.

O Arqueologo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

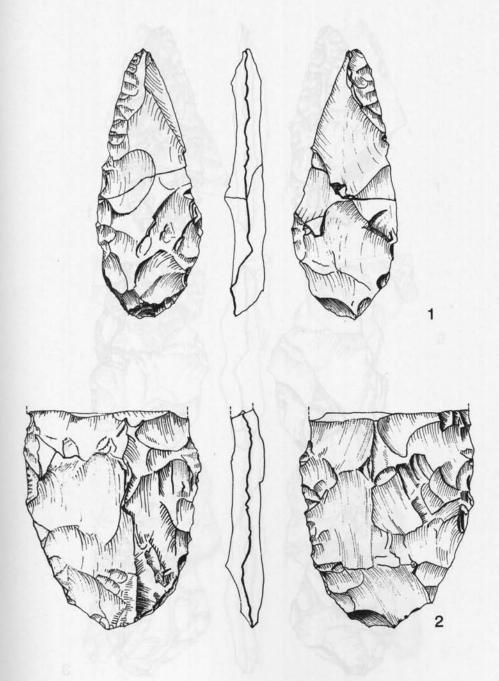


Fig. 32 — Folhas de loureiro, subtipo C. Escala 1:1.

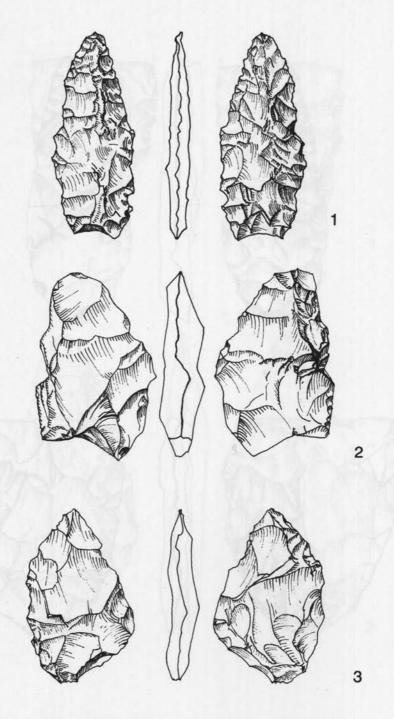


Fig. 33 — Folhas de loureiro; 1: subtipo D; 2: subtipo E; 3: subtipo F. Escala 1:1.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

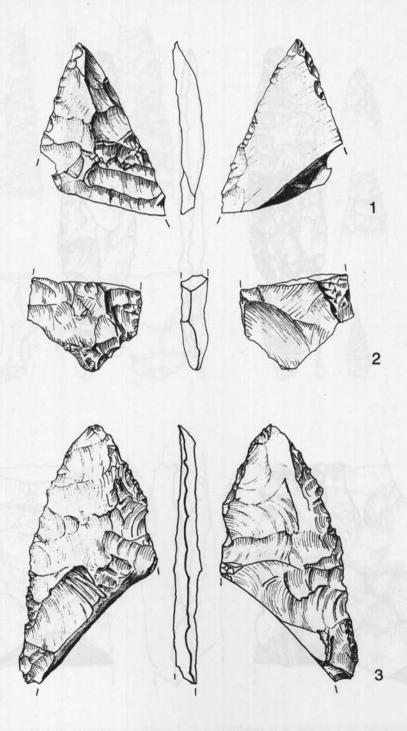


Fig. 34 — Folhas de loureiro; 1: subtipo G; 2: subtipo H; 3: subtipo não determinável. Escala 1:1.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 15-86

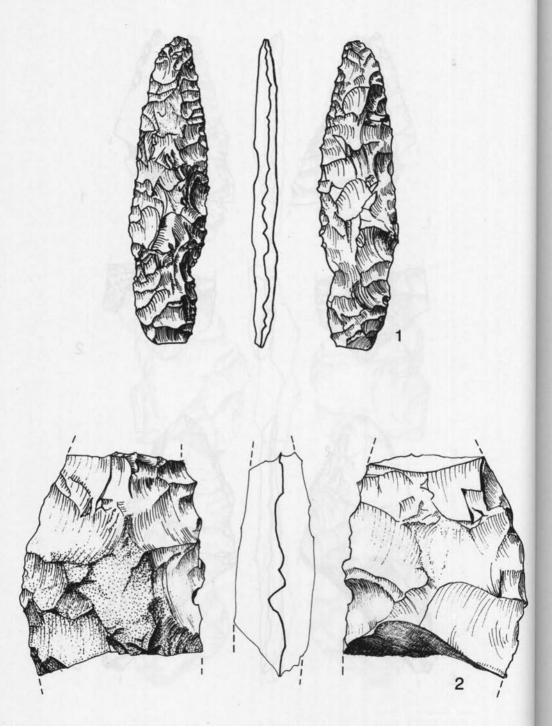


Fig. 35 — Folhas de loureiro; 1: subtipo L; 2: subtipo J. Escala 1:1.

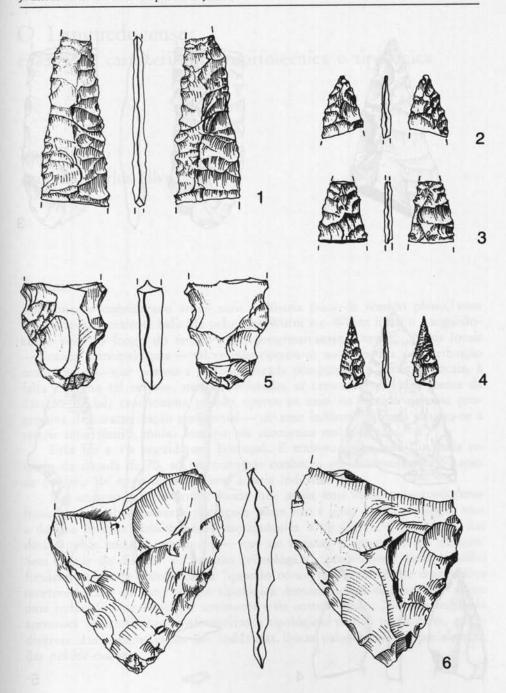


Fig. 36 — Folhas de loureiro; 1: subtipo L; 2 e 3: subtipo I; 4: subtipo I ou pendeloque; 5: denticulada; 6: subtipo K. Escala 1:1.

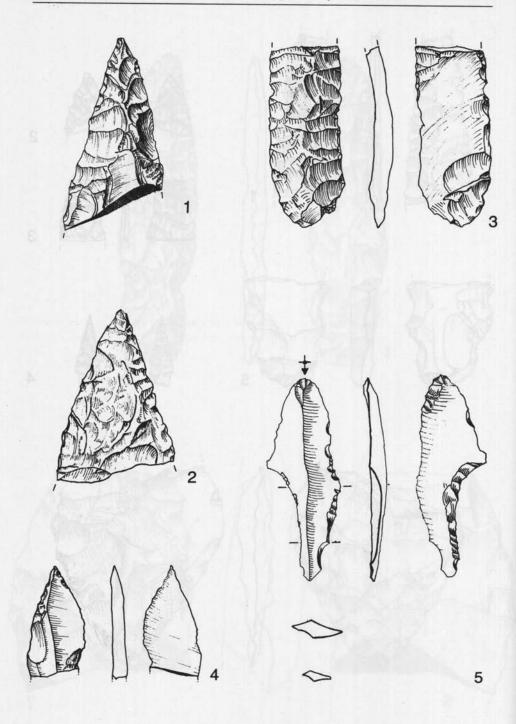


Fig. 37 — 1 e 2: folhas de loureiro, subtipo não determinável; 3: folha de salgueiro; 4: ponta à cran, subtipo A; 5: ponta à cran, subtipo B. Escala 1:1.